

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

As Histórias como Estímulo para a Descoberta
da Leitura e da Escrita

Mónica Paula Mota Santos

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré- Escolar

Setembro de 2014



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DA PRÁTICA DE ENSINO
SUPERVISIONADA**

As Histórias como Estímulo para a Descoberta da Leitura e da Escrita

Autora: **Mónica Paula Mota Santos**

Orientador: **Professora Ana Ferreira**

Coorientador: **Professora Sandra Duarte Tavares**

Setembro de 2014

Agradecimentos

Às orientadoras que nos acompanharam ao longo de um ano de novas experiências e com novos obstáculos.

Aos professores/educadores, docentes que fizeram parte da minha vida, desde o jardim de Infância até aos dias de hoje, foi um pouco graças aos bons profissionais e bons Humanos que são, que decidi passar o resto da minha vida a tentar ser como eles e passar as boas mensagens que me deixaram, bem como os bons valores.

Aos meus pais, que me educaram da melhor maneira que sabiam que era a melhor maneira, que estiveram sempre ao meu lado e que mesmo não podendo, me ajudaram. À restante família pelo apoio incondicional, pela confiança que depositam em mim e pelo orgulho que demonstram em tudo o que faço.

Aos meus amigos, que apesar de ter consciência da minha ausência na vida de alguns, sei que estarão sempre disponíveis.

Finalmente, a quem sempre acreditou que era possível e por isso não me levou ao colo mas me empurrou para os desafios que me fizeram crescer. Por esta razão não devo nada a ninguém e devo tanto a tanta gente.

O meu muito Obrigado Por tudo e a Todos.

Resumo

Este relatório de qualificação para a docência em educação pré-escolar pretende ser um instrumento de reflexão sobre a prática em contexto de estágio. Ao longo da intervenção foram criadas situações de aprendizagem baseadas nas necessidades do grupo, nas metas e no que estas propõem como competências a desenvolver. Competências essas que o educador deve estimular e motivar para que se tornem adquiridas. O tema desenvolvido está relacionado com a importância que as histórias têm e em que medida estas motivam e estimulam as crianças para a descoberta da leitura e da escrita. As histórias são uma forma de ter contacto com experiências a nível intelectual e social e através delas desenvolvemos a imaginação, a concentração, o espírito crítico, a oralidade e o gosto pela leitura e a escrita. Foi com o intuito de desenvolver este último aspeto (gosto pela leitura e a escrita) que teve início o desenvolvimento do relatório. No entanto, e apesar da área de intervenção estar relacionada com uma só área de conteúdo, o pretendido foi trabalhar em conjunto todas as áreas adjacentes, para que o trabalho com as crianças não se tornasse desadequado.

Ao longo deste relatório serão abordados aspetos de motivação para a descoberta, descoberta essa que foi centrada na Linguagem e na Escrita com o intuito de despertar as crianças para irem ao encontro do gosto pelos livros e pela leitura.

Palavras-chave

Histórias, Motivação, Estímulo, Leitura e Escrita, Transversalidade.

Índice

1. Introdução	p.1
2. Contextualização da Intervenção	p.3
2.1.Caracterização do Meio	p.3
2.2.Caracterização da Instituição	p.4
2.3.Caracterização da Sala	p.6
2.4.Caracterização do Grupo	p.9
3. Perspetivas Educacionais	p.12
4. Intervenção	p.13
4.1. Área de Intervenção	p.14
4.2. Enquadramento Teórico da Área de Intervenção	p.14
4.3. Prática Desenvolvida	p.17
4.4. Atividades Significativas	p.18
5. Reflexão Crítica/ Avaliação/ Resultados	p.23
5.1. Resultados Alcançados	p.23
5.2. Avaliação Diagnóstica e Final	p.25
5.3. Validação dos Resultados	p.26
5.4. Reflexão	p.27
6. Conclusão	p.30
Referências Bibliográficas	p.31
Anexos	p.33
Anexo 1 – Mapa do enquadramento do JI	
Anexo 2 – Foto do espaço exterior do JI	
Anexo 3 – Planta da sala no 1º Período	
Anexo 4 – Planta da sala definitivo	
Anexo 5 – <i>Checklist</i> geral do grupo aplicada no início do ano	
Anexo 5.1 - <i>Checklist</i> geral do grupo aplicada no final do ano	
Anexo 6 – Atividades de rotina	
Anexo 7 – Ficha relacionada com o Livro de símbolos	
Anexo 8 – Jogo das Vogais/Consoantes vs Minúsculas/Maiúsculas	
Anexo 9 – Imagens do Livro “Letrilândia”	
Anexo 10 - <i>Checklist</i> específica de avaliação de Linguagem	

Oral e Abordagem à Escrita aplicada no início do ano

Anexo 10.1 - *Checklist* específica de avaliação de Linguagem

Oral e Abordagem à Escrita aplicada no final do ano

Anexo 11 – Imagens do Livro da Família

Índice de Imagens

Imagem1 – Imagem da palavra CocaCola	p. 19
Imagem2 – D. a contar a história do Livro de Símbolos à L.	p. 20
Imagem 3 – I. a contar a história aos amigos	p. 20
Imagem 4 – Minuto de leitura	p. 20
Imagem 5 – Capa do Livro “Vamos a caça do Urso”	p. 21
Imagem 6 – Mapa da caça do urso	p. 21
Imagem 7 – Entrega dos mapas do tesouro	p. 22
Imagem 8 – Mapas para descobrir qual a atividade do dia	p. 22

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Horário do Jardim de Infância	p. 6
Tabela 2 - Áreas trabalhadas na prática de Ensino Supervisionada	p. 18

1. Introdução

A realização deste relatório é baseada na Prática de Ensino Supervisionada, assim como no Portefólio que foi construído ao longo do ano letivo. Baseado em Sá-Chaves (2005), o Portefólio é um instrumento de avaliação contínua e construtiva que leva a uma reflexão constante, acompanhada de um registo escrito que permite que o que foi descrito se torne uma justificação. Assim, o facto de escrever e rescrever as situações do dia-a-dia do estágio permite ter acesso a situações repetidas e/ou isoladas para refletir o seu porquê e desta forma avaliar a criança/grupo, o espaço/tempo de cada situação e a interação, bem como a intervenção do adulto na sala (Educador, auxiliar e estagiário).

Devido ao facto de nos depararmos, no início do ano, com um grupo de crianças que não conhecemos e com o qual iremos desenvolver a nossa ação educativa é importante começar por avaliar tudo o que nos rodeia e depois relacionar todos os dados para conhecer o grupo na sua generalidade. Isto para que se possa elaborar um currículo de acordo com as competências desenvolvidas pelas crianças e as competências que estão em desenvolvimento.

A escolha da área prioritária para o trabalho de pesquisa e aplicação na prática “As Histórias como estímulo para a Descoberta da Leitura e Escrita” está relacionada com um interesse demonstrado pelas crianças e pelo facto de não existir em concreto uma problemática. Desta forma, as diferentes áreas de conteúdo foram articuladas, sendo que a área mais trabalhada foi a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

O presente relatório é composto por quatro grandes capítulos, em primeiro lugar e para contextualizar a intervenção foram realizadas caracterizações como: a caracterização do meio, da instituição, da sala onde a intervenção é continuada e a caracterização do grupo de crianças, caracterizações essas que definiram o porquê das ações e por esta razão são tão importantes.

Seguem-se as perspetivas Educacionais que são um balanço entre o que, tendo em conta as caracterizações, é possível realizar e gostaríamos de concretizar, para depois num terceiro grupo se falar da intervenção concretamente. Neste terceiro grupo serão abordados aspetos como qual foi a nossa área de intervenção específica, é feito um enquadramento teórico sobre a mesma, são descritas algumas situações da prática

desenvolvida e significativa mas geral, para posteriormente se focarem três atividades significativas relacionadas com a área prioritária.

Por último, são feitas as considerações finais com uma reflexão crítica em jeito de avaliação da prática e dos resultados obtidos com a mesma.

2. Contextualização da Intervenção

Neste capítulo, falaremos da importância de tudo o que rodeia a criança para que a prática seja elaborada de forma adaptada e correta. Para intervir é importante contextualizar, pois como afirma Gandini (2008), “o ambiente é visto como algo que educa a criança”, então, tudo o que a rodeia contribui para a construção da sua personalidade e dos seus valores. Assim para que o educador possa ter uma intervenção válida, é emergente que conheça a criança e o que a influencia como Ser, ou seja, o que a rodeia, “o seu mundo”.

Para a realização das caracterizações, foi tido em conta o Projeto Educativo, foram feitas pesquisas na internet e tiradas conclusões também a partir de discursos dos encarregados de educação, docentes do Jardim de Infância confrontados com os dados recolhidos através de pesquisa documental, assim como em entrevistas feitas à educadora da sala. Parte da caracterização do grupo baseia-se nos dados recolhidos nas fichas de inscrição preenchidas pelos encarregados de educação e em alguns contactos informais estabelecidos com os mesmos.

2.1 – Caracterização do Meio

Consideramos que é importante conhecer o meio /contexto em que se insere o Jardim-de-infância pois este influencia a criança e o trabalho da educadora tem de estar adequado ao mesmo. Para além da influência que o meio exerce sobre as crianças e os seus comportamentos, este pode também servir de espaço educativo para eventuais atividades no exterior e para tal é importante que se tenham noções de como, onde e o que é que se poderá fazer.

“(...)o meio social envolvente — (...) tem também influência, embora indirecta, na educação das crianças.(...)” (OCEPE, 1997, p. 33) .

Com base neste excerto, podemos concluir que conhecer o espaço onde a criança se insere, sendo esse o seu meio, é uma forma de conhecer a criança e o que esta pode ter como realidade de vida. Devemos então, como profissionais da educação e da relação, estabelecer uma ligação entre o meio que a criança considera como seu e a escola ou as suas aprendizagens escolares, fazendo assim com que o interesse da criança

seja sentido e até conseguir com que a família e a comunidade tenham mais interesse em participar no desenvolvimento ativo e educativo da (s) criança (s).

O Jardim de Infância onde foi desenvolvida a prática insere-se no Bairro Padre Cruz, na freguesia de Carnide pertencente à cidade de Lisboa (Anexo 1). É um bairro periférico de características urbanas diversificadas e que tem sofrido, ao longo dos últimos anos, um processo contínuo de crescimento, devido a sucessivas ações de realojamento. A população tem diferentes origens. A maior parte das famílias têm um baixo nível de escolaridade, o que se traduz na dificuldade de acesso a emprego.

Quanto aos espaços e acessos, o bairro tem ao seu dispor autocarros da rede Carris que dão ligação ao metro de Carnide e Pontinha (Linha azul). Existem também autocarros que têm ligação para outros pontos da cidade, nomeadamente Campo Grande e Algés. Os espaços verdes são reduzidos, mas em contrapartida existem espaços culturais como a biblioteca frequentemente utilizada pelo ATL e o auditório onde podem ser exibidas sessões de cinema, teatro e dança.

A nível das ligações entre o bairro e a prática pedagógica, podemos afirmar que é existente, dado que tanto o ATL como o Jardim de Infância utilizam regularmente os serviços para dar resposta à sua prática.

2.2 – Caracterização da Instituição

A Caracterização da Instituição é um dado a ter em conta, visto que o tempo que as crianças passam na instituição, por vezes, é maior do que o que passam em casa com a família. Desta forma, espera-se que o espaço seja acolhedor, onde coexistam boas relações entre as crianças e os adultos, pois é um espaço comum e de todos os que o partilham diariamente. Tal como é referido na citação que se segue, cada criança:

“Frequenta um determinado estabelecimento de educação pré-escolar que tem também de educação a sua especificidade (...) Na instituição, a criança está habitualmente inserida num grupo que tem características próprias, partilhando um espaço e um tempo comuns.”
(OCEPE, 1997, p. 32).

Por esta razão o Educador e Corpo não docente envolvente têm de estar atentos à forma como o espaço é gerido, como a instituição está organizada e adaptar o seu

trabalho à mesma, da mesma forma que deve solicitar melhorias da instituição caso encontre algum aspeto que possa ser melhorado. Assim a instituição torna-se um espaço comum agradável a todos os intervenientes, bem como um local com valores onde os pais se sentem seguros para confiar os seus filhos.

A instituição específica da prática desenvolvida pertence ao Agrupamento do Bairro Padre Cruz, e existe desde o ano letivo 2004/2005. É uma instituição de rede pública (Ministério da Educação), somente com a valência de Jardim de Infância e foi construída de raiz.

Existe um Plano Anual de atividades (PAA) que visa ser uma orientação para todas as educadoras já que estas têm uma base de intervenção conjunta e dentro de cada sala há uma intervenção diferenciada. O Plano Curricular (PC) referente aos anos letivos desde 2010 até 2014 tem como pontos abordados: Fundamentação e Opções Educativas, Objetivos, Metodologias, Avaliações e Divulgação do Projeto. Partindo deste PC é possível definir uma estratégia de intervenção baseada nas metas curriculares que nos propõem e nos objetivos que deverão ser atingidos.

O espaço Interior é composto por um salão polivalente com acesso às 6 salas de atividades, com capacidade para 25 crianças cada uma e todos os grupos são heterogéneos (3, 4 e 5 anos). Existem um refeitório e respetiva cozinha, uma sala de enfermagem, e sala de reuniões com a respetiva despensa de materiais. As salas têm boa iluminação natural, com instalações sanitárias, cada uma com ligação a outras salas. Todas as salas têm comunicação com o exterior.

O espaço exterior é amplo, tem uma parte coberta por um telheiro, com estruturas lúdicas fixas, com jardim terrado e com algumas árvores, como se pode observar no Anexo 2 Este espaço é diariamente utilizado o que é fundamental pois como Hohmann e Weikart (2009) afirmam, o contacto com o exterior e espaços ao ar livre, desenvolve nas crianças o imaginário.

Todas as salas do Jardim de Infância encontram-se equipadas com materiais pedagógicos adequados às necessidades das crianças, nomeadamente jogos, livros e material de desgaste. Em caso de a educadora ou instituição necessitarem de materiais extras, é necessário fazer um pedido ao agrupamento de escolas, avaliar o orçamento

necessário e caso o orçamento seja aprovado os materiais serão cedidos. O ministério da Educação dispõe de uma verba para a compra de equipamentos e materiais.

Encontram-se a frequentar no Jardim-de-infância 140 crianças. O corpo docente é formado por 7 educadoras, das quais duas são coordenadoras de conselho de docentes e de estabelecimento respetivamente. Há uma educadora que não se encontra colocada como responsável de uma sala, contudo presta serviços de apoio. O corpo não docente é formado por 4 auxiliares de ação educativa que prestam apoio rotativo às 6 salas, por monitores (contratados pela Junta de freguesia de Carnide), cozinheira, auxiliar de cozinha, Apoio UNISELF e 6 estagiárias. Existe também pessoal de apoio, são eles técnicos e terapeutas que auxiliam crianças com Necessidades Educativas Especiais ou com necessidade de apoio.

O funcionamento do Jardim de Infância divide-se em dois horários, referentes à componente letiva e à componente de Apoio à Família. A componente de Apoio à Família encontra-se a cargo da Junta de freguesia de Carnide em articulação e com a supervisão do corpo docente do Jardim de Infância.

Horário Curricular		Horário de Componente de Apoio à Família (CAF)	
Manhã	9h00 às 12h00	Manhã	8h00 às 9h00
Tarde	13h15 às 15h15	Tarde	15h15 às 19h30

Tabela 1- Horário do Jardim de Infância

2.3 – Caracterização da Sala

A intervenção do Educador é a base para uma educação equilibrada, pois este orienta um grupo e transmite os valores indispensáveis para a vida de cada criança. Também o meio, a comunidade influenciam este desenvolvimento. A instituição e os seus princípios regem a forma como é suposto atuar dentro de um determinado contexto educativo, mas não podemos esquecer um outro fator que podendo passar despercebido é também importante. Este outro fator é o espaço e a organização do tempo nesse mesmo espaço. “(...) o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma com estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender.” (OCEPE, 1997, p.37)

Este espaço está dependente do que a instituição permite e não só, o Educador é um mediador entre o que é permitido pela instituição e o que é necessário pedagogicamente perante o grupo de crianças que tem “em mãos”.

“A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (OCEPE, 1997, p.37)

Assim cabe ao educador alterar e organizar o espaço-sala de forma a ter uma finalidade positiva para o grupo. As crianças têm a responsabilidade e consciência de fazer escolhas relativamente a como se encontra a disposição da sala, para que se sintam sujeitos do ambiente em que vivem e se tornem autónomos nas decisões.

Por todas estas razões, é essencial conhecer o espaço de forma a poder adapta-lo e utiliza-lo da melhor forma.

A sala onde foi desenvolvido o estágio tem aproximadamente 90 m², está organizada em áreas, o espaço é amplo e agradável do ponto de vista da sua organização e disposição (Anexo 3 e Anexo 4), ambos os anexos são plantas da sala, com uma alteração da disposição dos materiais que foi resultante da alteração que a sala sofreu no segundo período do presente ano letivo. Existem cabides à entrada da sala que permitem deixar uma mala/saco com mudas de roupa, brinquedos e casacos.

É neste espaço/sala que o grupo passa a maior parte do dia. Desta forma é importante proporcionar diferentes experiências e transformar o espaço de forma que se adapte tanto às necessidades do grupo, como às necessidades dos adultos, mudanças estas que têm como objetivo fazer com que todos se sintam bem no espaço. A educadora da sala 4 não tem um esquema fixo que perdura ao longo do ano, em vez disso opta por alterar a sala até chegar a um equilíbrio entre o que lhe faz mais sentido e o que as crianças se apropriam mais, sentindo assim o espaço como seu/nosso. Apesar de estas mudanças serem benéficas para o grupo na sua totalidade, não há o hábito de recorrer à opinião das crianças para o alterar, há sim uma observação por parte dos adultos que estima qual a melhor estratégia de arrumação da sala.

Os materiais encontram-se arrumados em prateleiras e armários, principalmente os de desgaste diário, são de fácil acesso e todas as crianças conhecem a forma como a sala está organizada. Os materiais potencialmente perigosos para as crianças estão em armários fechados para que não se proporcionem incidentes.

Quando estas áreas são utilizadas, estas são devidamente arrumadas pelas próprias crianças e têm uma supervisão no final de estarem arrumadas de forma que fique tudo no lugar certo, a supervisão é feita por um adulto da sala ou pelo “Amigo do Dia”-criança selecionada para desenvolver algumas tarefas da sala.

Relativamente aos materiais de desgaste, existem os que são diariamente utilizados numa sala de jardim de Infância e quando são necessários outros materiais, ou são pedidos à escola com antecedência, ou aos pais.

As rotinas da sala são:

Horas	
9h-9h30	
9h30-10h	<ul style="list-style-type: none"> ○ Acolhimento ○ Rotina <ul style="list-style-type: none"> ● Eleição do “Amigo do dia” ● Preenchimento das presenças ● Registo do dia/mês/ano ○ Atividades orientadas pela educadora – Letivas ○ Rotina <ul style="list-style-type: none"> ● Momento de higiene ● Lanche da manhã ● Recreio/jogos ou brincadeira na sala ● Momento de higiene
10h-10h45	
10h45-11h	
12h-13h	<ul style="list-style-type: none"> ○ Almoço <ul style="list-style-type: none"> ● Recreio/ Filme/Jogos ou brincadeira na sala

A Educadora titular não se baseia em nenhum método pedagógico específico mas identifica-se com o Movimento de Escola Moderna (MEM) em muitas das situações e apesar de ser formada pela Escola João de Deus não se identifica com o método e este não é ministrado nesta escola. O plano semanal é organizado no final da semana anterior e não tem um esquema conclusivo, ou seja, as atividades são da exclusiva organização e responsabilidade da educadora sendo que não há um plano de atividades específico a cumprir.

2.4 – Caracterização do Grupo

Conhecer a criança e o seu desenvolvimento a nível geral é o primeiro passo para uma boa intervenção educativa, mas mais do que conhecer todas as crianças é essencial conhecer cada uma. Os seus comportamentos e reações mais frequentes, perceber o porquê de cada coisa e atribuir importância a cada criança sem descurar a atenção do grupo. Como é descrito nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, “(...) Respeitar e valorizar as características individuais da criança, a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens.” (OCEPE, 1997, p. 19)

É desta forma que partindo do conhecimento geral do grupo de crianças e do comportamento das crianças em grupo se consegue posteriormente ter uma intervenção junto delas. É também neste registo de procura de conhecimento e análise de comportamentos que se descobre a individualidade de cada criança, para assim se poder perceber o que já está adquirido, o que está em iminente evolução e qual a zona de desenvolvimento proximal de cada criança, para, como defende Vygotsky, intervir de forma a provocar o desenvolvimento.

Cada criança provém de um meio familiar único, com características sociais, culturais e económicas diferentes, por isso cada criança é um ser único, com características próprias.

O grupo em questão é heterogéneo, constituído por 24 alunos, 9 alunos de 5 anos (3 meninas e 6 meninos), 10 alunos de 4 anos (7 meninas e 3 meninos) e 5 alunos de três anos (1 menina e 4 meninos), verificando-se assim que há diferença entre o número de rapazes (13) e o número de raparigas (11).

Um dos aspetos a salientar é o facto de seis crianças apresentarem problemas ao nível da linguagem oral. Estes alunos foram referenciados para uma avaliação nesta área, tendo já sido efetuada pelo “Crescer a Cores” uma primeira avaliação. Todos estes alunos necessitam de terapia, mas só um está a receber acompanhamento.

Importa realçar que há alunos que já frequentando este Jardim de infância desde o ano anterior, manifestam problemas de comportamento e de relação com os colegas e muita dificuldade em cumprir regras de conduta social e em acatar as decisões dos adultos. Os alunos que estão a frequentar pela primeira vez o jardim-de-infância, de um modo geral, estão a adaptar-se de forma fácil e rápida.

No que diz respeito à Componente de Apoio à Família, dois alunos vão diariamente almoçar a casa, os restantes almoçam no Jardim-de-Infância e quinze frequentam o prolongamento de horário. A maior parte das crianças habita no Bairro.

Relativamente à família das crianças, os pais são todos portugueses, alguns com origem nos PALOP, etnia cigana, ou origens em países norte asiáticos. Por norma 14 crianças apenas se deslocam 500m ou menos para chegarem à escola e a maioria desloca-se a pé, 8 crianças deslocam-se entre 500m a 1km com meios de transporte variados, 2 crianças deslocam-se mais de 5 km e o seu meio de transporte é o carro. As rotinas a nível de casa levam a que a hora de deitar tenha incidência entre as 20h30 e as 22h30 sendo que a maioria das crianças se deita às 21h. Existem agregados familiares com a típica família nuclear (pai/mãe/irmãos) assim como famílias monoparentais (mãe ou pai e Irmãos). 4 Crianças da sala têm irmãos mais novos, as restantes crianças que têm irmãos são mais velhos, alguns com uma diferença considerável. Existe ainda uma criança cujo pai faleceu recentemente e é necessária especial atenção ao seu comportamento de forma a verificar se existem discrepâncias entre o comportamento/desenvolvimento normal de uma criança de 4 anos e o desta criança. O grau académico dos pais e mães é predominantemente o 12º ano de escolaridade, existem também pais com o 9º ano de escolaridade, 6º ano de escolaridade, 4º ano de escolaridade e apenas um dos pais tem o grau académico como ensino superior.

De uma forma mais geral, a nível social as crianças participam ativamente em brincadeiras com os seus pares e a maioria não tem receio de ter contacto com pessoas “novas”. As brincadeiras são muitas vezes reproduções do que os adultos fazem, tanto na escola como em casa, e nas suas brincadeiras existe um fio condutor/uma história que é, por norma, a sua leitura do mundo. Ao longo das brincadeiras as crianças assumem papéis diversos e mais ou menos complexos, muitas vezes no “faz de conta”. Na sua maioria são independentes socialmente pois conseguem manter um relacionamento criança-criança, criança-adulto. No recreio, por vezes, existem alguns desentendimentos entre as crianças, devido a algum brinquedo ou alguma situação de discordância mas entre o grupo “turma” não há rivalidades que se evidenciem, há, como em todos os grupos, uma “hierarquia” relacionada com liderança natural, personalidades muito diferentes que assim como se opõem, também são capazes de se entreajudar.

No que diz respeito ao desenvolvimento linguístico, especificamente lexical, uma grande parte do grupo já adquiriu um número extenso de palavras. Nas crianças de 3 anos destacam-se algumas que por vezes têm alguns comentários com vocabulário fora do normal no contexto, mas de referir positivamente. Utilizam frases curtas e há uma criança que necessita de muito trabalho a nível de terapia da fala pois é difícil entender o que ela diz. Sabem ordenar as frases de forma correta, contudo os verbos nem sempre são corretamente conjugados. Relativamente às crianças de 4 anos já existe mais concordância a nível gramatical pois conhecem melhor as regras de passado, presente e futuro e vão corrigindo o seu vocabulário com a mediação do Educador. As crianças de 5 anos conseguem construir frases complexas e ter um diálogo rico e coerente e seguindo um raciocínio. Recontam uma história com o apoio de imagens. Apesar de o grupo numa perspetiva geral não ter dificuldades, existem seis crianças que são sugeridos para terapia da fala.

Em relação à compreensão que as crianças têm delas próprias, esta está diretamente relacionada com a relação que têm com os outros, com o que os outros pensam e dizem sobre elas, pois não desenvolveram totalmente a autocrítica a sua autoestima de forma a serem alguém para além do que os outros as fazem querer que são. Por esta razão há muito o problema das “queixinhas”, como por exemplo “Ele diz que eu sou...” e mesmo que seja uma ofensa sem sentido acabam por levar a sério e estas situações estão relacionadas com a falta de compreensão sobre elas próprias. Percebem que têm necessidades e gostos diferentes, na generalidade gostam de partilhar, mas as crianças mais pequenas (3 anos) têm alguma dificuldade em largar o seu brinquedo de casa e emprestar principalmente durante muito tempo, por outro lado gostam de exhibir o que é seu (característica da idade).

São relativamente autónomos nas práticas do dia a dia, sabem comer sozinhos, ir à casa de banho, lavar as mãos e quando precisam de ajuda solicitam o Adulto. Arrumam o material que utilizam, contudo algumas vezes é necessário chamar a atenção. O “Amigo do Dia”- criança selecionada para desenvolver algumas tarefas da sala - acaba por ter a tarefa de verificar o que foi arrumado e desta forma ganha a responsabilidade e a compreensão do valor de ter as coisas arrumadas.

O desenvolvimento físico/motor das crianças permite-lhes saltar, correr, descer e subir escadas com grande destreza, jogar à bola, fugir de repente, levantar-se,

transportar brinquedos e materiais grandes e pequenos, controlar movimentos de grande amplitude, fletir as pernas, atirar e apanhar uma bola com as mãos (...). Algumas crianças, das três faixas etárias, não têm noção do perigo e dizem não sentir medo, estas também necessitam de trabalhar a destreza manual, movimento pinça polegar, entre outros movimentos mais minimalistas que interferem na escrita e trabalhos mais pormenorizados. A grelha *Checklist* que se encontram no Anexo 5 está organizada por Áreas de conteúdo e foi utilizada no início da intervenção.

3. Perspetivas Educacionais

No início do ano e com base nos dados que recolhemos, foi eleita uma área de intervenção que seria trabalhada e justificada com o propósito de verificar no final o resultado da intervenção escolhida. São aspetos com este que serão tratados ao longo dos próximos capítulos.

Com base nos dados de caracterização das crianças da sala e na forma como se pode fazer face a algumas das fragilidades, que mesmo sem serem relevantes, existiam, como a linguagem e motivação, foi decidido que partindo dos livros e das suas histórias se trabalhariam os vários pontos fortes e pontos fracos de cada criança. Assim o tema escolhido para desenvolver e fundamentar ao longo do estágio foi “As histórias como estímulo para a descoberta da leitura e da escrita”. Com este tema foram trabalhados aspetos muito distintos mas todos unidos por um fio condutor, as histórias. Estas funcionarão como um motor de motivação para as crianças, visto ser um ponto de interesse revelado por estas.

Este tema foi escolhido de acordo com a realidade envolvente e a necessidade de procurar estratégias que motivem a aprender. Ao longo da fase de observação e já na fase de implementação da prática foi evidente que quando o estímulo era algo “fantástico”, algo associado a uma realidade que conhecem, ou algo que colocasse à prova os seus conhecimentos, estas crianças tinham um comportamento interessado e demonstravam uma maior atenção, por estas razões um dos objetivos foi apostar numa implementação de atividades ligadas à fantasia e às histórias, de forma a cativar e manter o interesse para depois conduzir a atividade da melhor forma. Um dos objetivos também foi utilizar a os livros e histórias para estimular o interesse. Interesse esse que se vai focar em criar futuros leitores e autores do próprio conhecimento por serem eles próprios a descobrir.

Numa época em que os *media* estão em voga, é importante explorar também materiais como os livros, de forma que as crianças não percam o contacto com este material tão pessoal e sentimental, bem como os materiais a ele inerentes, como o papel, o lápis, a esferográfica, entre outros.

Como a sala onde foi feito o estágio é heterogénea, foram estabelecidos diferentes objetivos para as diferentes faixas etárias, de forma que as metas estipuladas fossem alcançáveis para que as crianças de 3 anos se sentissem motivadas a tentar alcançar o patamar acima assim como as de 5 anos. Como defende Vygotsky, é importante o convívio em sala de aula de crianças mais “avançadas” com aquelas que ainda precisam de apoio para dar seus primeiros passos, assim quando as crianças se desenvolvem e estão próximas de alcançar uma potencialidade (zona de desenvolvimento proximal) o educador bem como as crianças que as rodeiam vão ajudar a que uma potencialidade se torne uma capacidade.

Os livros têm diversos tipos de leituras e formas de exploração e é com isso que se pretende avançar. Uma criança sabe ler mesmo antes de aprender a decifrar o código escrito. Ler é interpretar, é olhar e reconhecer, é ter espírito crítico e não se limitar ao que lhe mostram mas pensar sobre o que lhe mostram. E criar futuros leitores é também isto, fazê-los pensar e questionar as coisas, criar interesse e dar desafios que os levem a ser construtores da sua própria sabedoria.

4. Intervenção

Apesar de ter existido investigação, pois é um importante instrumento de construção de saberes para solucionar respostas, foi inevitável para o desenvolvimento deste trabalho valorizar a ação. A intervenção iniciou-se no final do mês de outubro, após um pequeno período de observação. Nesta primeira fase de observação, o objetivo foi conhecer rotinas, métodos de trabalho, características do meio envolvente, da sala, das crianças e dos próprios adultos da sala porque sendo este um trabalho de equipa, muitas vezes, são necessárias adaptações. A intervenção da estagiária foi sempre ao encontro do trabalho que a educadora da sala desenvolvia e vice-versa, desta forma, o trabalho foi desenvolvido em equipa e as crianças foram sempre colocadas em primeiro lugar.

4.1. Área de Intervenção

A área de Intervenção foi a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mais concretamente a motivação para a aprendizagem destas. Com recurso às histórias e ao trabalho que pode ser desenvolvido com estas foram trabalhados todos os domínios. O domínio do Conhecimento das Convenções Gráficas aquando da construção de livros e contacto com todos os materiais a ele pertencentes, o domínio da Consciência Fonológica quando se recontavam histórias e entre outras coisas se produziam rimas e se conheciam as sonoridades das palavras e, finalmente, o domínio do Conhecimento e Escrita de Palavras, reconhecendo palavras do quotidiano de forma a motivar para a aprendizagem com significado.

4.2. Enquadramento Teórico da Área de Intervenção

Através das histórias, a criança tem a oportunidade de enriquecer e alimentar a sua imaginação, ampliar o seu vocabulário, permitir a sua auto-identificação, desenvolver o pensamento lógico, a memória, estimular o espírito crítico, vivenciar momentos de humor, diversão, satisfazer a sua curiosidade e adquire valores para a sua vida.

Contar histórias e relatar acontecimentos esteve sempre presente desde os tempos mais longínquos da humanidade. Esta ação existe desde que o homem começou a falar e esta arte é repassada de geração em geração. E para que as histórias sejam transmitidas, é necessário existir um emissor, um recetor e uma mensagem. Uma das formas de transmitir é então a linguagem oral e para existir linguagem oral é eminente uma aquisição da linguagem e um código linguístico adjacente.

A aquisição da linguagem faz-se através de um processo conjunto e cada criança tem o seu desenvolvimento próprio como defende Rebelo & Atalaia (2000), também este autor caracteriza a aquisição da linguagem como sendo o “surgimento de novas capacidades e aquisições fonéticas, sintáticas e semânticas”.

Outra forma de repassar histórias e acontecimentos é a linguagem escrita que, por norma, se adquire depois da linguagem oral e também ela tem um código adjacente e muito próprio. Enquanto a linguagem oral é adquirida naturalmente (estando-se exposto à mesma), a linguagem escrita tem de ser ensinada e/ou aprendida, mas a aprendizagem desta está também dependente da quantidade de estímulos e experiências que são

proporcionadas à criança (Viana F.L. et. al., 2014). Hoje em dia é impensável imaginar a nossa sociedade sem este código, pois teríamos que imaginar uma sociedade sem qualquer tipo de registos. Contudo, sabemos que a escrita nem sempre existiu da mesma forma como hoje a conhecemos e muitas vezes a representação dos acontecimentos provinha de esculturas entre outras formas de arte (Sousa & Brito, 2005 cit. in Horta, 2007).

As crianças desenvolvem teorias, ideias e conhecimentos sobre a linguagem escrita, antes mesmo de lhes ser ensinada. Pois, o contacto com os diferentes tipos de escrita em diferentes contextos na sua vida quotidiana, fazem com que desde cedo se questionem e coloquem hipóteses sobre a escrita, nomeadamente as suas características, as regras, a sua utilização, os diferentes contextos utilizados, etc. (Mata, 2008). Justice & Kaderavek (2002) também concordam que os conhecimentos que as crianças vão adquirindo sobre a linguagem escrita são promotores de uma aprendizagem formal mais clara.

Mata (2008) considera também que as crianças terão o processo de aprendizagem de escrita facilitado se for atribuída funcionalidade à mesma, se conseguirem compreender a sua utilidade e ter consciência do que podem tirar partido. Se a criança não tiver consciência dos aspetos anteriores, sem dúvida que vai sentir mais dificuldades no processo da aprendizagem desta, pois não lhe atribui um sentido prático e lógico e não terá uma motivação acrescida. Podemos concordar então com o que Viana (2014) diz serem os facilitadores da aprendizagem da leitura e escrita. Estes estão relacionados com três aspetos, um deles é o desenvolvimento que o leitor tem previamente, outro é o que a escrita significa para ele e por último, o aspeto revelado é a motivação que apresenta para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Para começar a intervenção pedagógica em contexto de estágio e para se conseguir trabalhar aspetos como a leitura e a escrita, foi de extrema importância compreender o desenvolvimento das crianças da sala a nível da linguagem oral, pois esta tem uma grande importância na posterior aprendizagem da leitura e escrita (MacGuinness, 2005). A Consciência fonológica é uma competência que permite compreender que as frases são constituídas por palavras, que as palavras são constituídas por sílabas e assim sucessivamente, esta compreensão da sonoridade das palavras e da sua constituição é essencial para aprendizagem da leitura e posterior escrita de palavras (Viana, 2014).

Um dos objetivos do trabalho que foi feito foi desenvolver a literacia emergente, este conceito define-se como um “conjunto de conhecimentos, de competências e de interesses das crianças relacionados com a leitura e com a escrita que as crianças exibem” (Viana F.L. et. al., 2014, p 7) Comportamentos esses que são um exemplo de que a criança está a pensar sobre as palavras e a sua construção.

As crianças que têm ligação com elementos da escrita e com a própria escrita antes da sua aprendizagem formal constroem conhecimentos sobre para que serve a escrita, ou seja, a sua utilidade (Yetta Goodman, 1984). Se o contacto com o livro, as histórias, os textos e ilustrações forem recorrentes na vida da criança estes podem ser uma motivação para que se “criem” futuros leitores, aliás, como afirma Viana (2014) mesmo antes do ensino formal as crianças sabem para que serve ler, a direccionalidade da escrita, assinam os seus trabalhos e afirmam que sabem escrever. Mas como defende Mata (2008 p.46) o envolvimento precoce com a linguagem escrita “pressupõe vontade, iniciativa, desafio, prazer, assim como desenvolvimento, apreensão e mobilização de estratégias de escrita cada vez mais elaboradas e da sua utilização funcional em contexto social”.

A criança, como ser social e autónomo, sente-se interessada e quer aprender, como afirma Reis (2008 p 16). “As crianças são, cientistas activos que procuram, constantemente, satisfazer a sua insaciável curiosidade sobre o mundo que as rodeia”, logo não devemos “entregar” os conhecimentos às crianças, mas sim coloca-los à disposição e fazer com que o interesse surja, de forma que elas próprias construam o seu conhecimento e sintam cada aprendizagem como sua.

Se a criança não entender o porquê das histórias, não tiver uma ligação afetiva e prática relacionada com o que o livro significa, ela vai ter uma dificuldade maior em decifrar o seu código e o porquê de o livro existir. Para Sousa (2007), a criança que se habitua a ver no livro um companheiro que faz parte do seu mundo diário, como os jogos e os brinquedos que vai manipulando e descobrindo progressivamente, aprenderá a tratá-lo como um amigo, retirando deste descobertas sucessivas e enriquecedoras.

É importante existir um acompanhamento de um adulto em todas as fases, desde que o momento em que o livro é considerado um brinquedo, passando pela fase em que é um conselheiro ou mesmo um amigo em que se pode confiar, de forma que o desenvolvimento seja adequado e saudável. Também os livros e os conteúdos dos livros

devem ser adaptados à faixa etária/desenvolvimento da criança, e por isso o adulto será sempre um mediador entre o livro/história e o leitor Infanto-juvenil.

As histórias e respetivas ilustrações são importantes para o desenvolvimento da criatividade e do foro emocional das crianças. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo, para além do facto de resolverem muitos dos seus problemas interiores.

Com o desenvolvimento deste tema, pretende-se então, partindo das histórias, estimular o interesse das crianças por diversos temas e em particular fomentar o interesse pela pesquisa, de forma a aumentar a curiosidade das crianças, a autonomia e o gosto pelo autoconhecimento, que culminará no interesse pela descoberta da leitura, formando assim futuros leitores. Para tal a criança não é vista como “ (...) uma tábua rasa (...) ” ou uma “ (...) folha em branco (...) ” (Oliveira-Formosinho, Andrade, & Gambôa, 2009 p. 6) mas sim como um copo meio cheio, que irá aprender tendo em conta o que já conhece.

4.3. Prática Desenvolvida

A prática desenvolvida durante o ano de intervenção teve como base o Plano Curricular Anual da instituição em conjunto com o plano elaborado pela estagiária, sempre em conformidade com as necessidades, capacidades e interesses das crianças.

Ao longo deste período, foram planificadas atividades, foram trabalhadas todas as áreas, umas mais que outras.

Como podemos observar na tabela seguinte, a área de conteúdo mais trabalhadas durante toda a intervenção foi a área da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, devido a ser à Área de Intervenção mais aprofundada. Essas estratégias passaram pela leitura e exploração de histórias e poemas e as histórias exploradas eram escolhidas com intencionalidade, de acordo com a temática a ser abordada em cada intervenção. A segunda área mais trabalhada foi a área da formação pessoal e social, pois sendo, por vezes, um grupo complicado a nível comportamental e na socialização dentro dos grupos foram necessárias regras e uma atenção às mesmas que levou a trabalhar mais esta área. Por outro lado, a área de conteúdo menos trabalhada foi a de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) por duas razões, o facto de a maioria das crianças ter contacto com estas tecnologias no meio familiar e por não ser de fácil gestão o trabalho

com as TIC na sala, razões estas que não são justificação para a não utilização dos mesmos e por isso mesmo é uma lacuna a colmatar.

Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Área do conhecimento do mundo	Matemática	Formação Pessoal e Social	Área da expressão e comunicação					TIC
				Motora	Dança	Plástica	Musical	Dramática	
21	14	8	15	6	6	17	10	7	3

Tabela 2 – Áreas trabalhadas na Prática de Ensino Supervisionada

Ao todo foram implementadas 107 atividades para além das atividades de rotina (Anexo 6) que foram diariamente aplicadas e trabalhavam aspetos relacionados com todas as áreas de conteúdo e variadas metas de aprendizagem. Ao longo das atividades de rotina, foram observadas as crianças de uma forma mais natural e não condicionadas, é também nestes momentos que se observam os resultados das atividades implementadas e o seu impacto na vida da criança.

4.4. Atividades Significativas

Para trabalhar a área de intervenção deste relatório foram desenvolvidas atividades de grupo e individuais, atividades como leitura e reconto de histórias relacionadas com o tema/efeméride a trabalhar no momento, adivinhas, lengalengas, rimas, vocabulário, famílias de palavras, entre outras. Sendo que é necessário escolher três das atividades mais significativas, essa escolha está relacionada com o empenho das crianças nessa mesma atividade e na forma fluida como decorreram, para além de terem sido atividades formuladas em conjunto com as crianças.

As atividades escolhidas são: “O Livro de símbolos & minuto de leitura”, “A Caça ao Urso & Mapa do Tesouro” e “Letrilândia – Um país muito diferente & Ilustração da história”.

“O Livro de Símbolos & Minuto de Leitura”

Esta atividade surgiu porque ao se questionar as crianças sobre se sabiam ler, todas afirmavam não o saber. Então foram mostrados alguns rótulos de embalagens que



Imagem 1 – Imagem da palavra CocaCola

conheciam ao que todas sabiam identificar o que estava escrito no rótulo. Uma criança de 5 anos revelou que não sabia ler, mas sabia identificar o conteúdo da embalagem e por isso sabiam o que estava escrito, e esta observação demonstra que esta criança já tem consciência que os rótulos servem para identificar um conteúdo, para além de que demonstra muita inteligência em compreender que não está a analisar as palavras e sim o conteúdo. Assim o próximo passo foi escrever no quadro uma palavra que para as crianças fosse conhecida. Foi escrita a palavra CocaCola e de imediato associaram o “desenho” da palavra à respetiva palavra. O objetivo desta primeira abordagem foi explicar ao grupo que não é o conteúdo que importa quando sabemos ler mas sim o símbolo que identificamos (a abordagem e a explicação foi adequada à faixa etária). Então foi mostrado o livro de símbolos que a estagiária disponibilizou para a sala e explicado que as letras são como símbolos e cada símbolo se lê de maneira diferente. No caso do livro, cada símbolo significava uma palavra ou uma personagem e o conjunto de símbolos formavam então a história que iria ser lida. A terceira fase desta atividade foi a decifração da legenda da história, ou seja, desvendar o que cada símbolo queria dizer. A quarta fase foi a leitura da história com algumas intervenções das crianças em alguns dos momentos da história, a pedido da estagiária, para verificar se estavam atentas e a acompanhar o conteúdo da história ou então para deduzirem o que tinha acontecido dadas as circunstâncias e os símbolos mostrados. Após a leitura e a pedido das crianças foi recontada a história com o contributo, quase total, das crianças. Nesta atividade foram explicados também aspetos como o que é uma capa, uma contracapa, a diferença entre uma página e uma folha e uma legenda.

Posteriormente foi mostrada uma ficha elaborada pela estagiária (Anexo 9), relacionada com a história, onde trabalhariam a matemática contando o número de vezes que cada personagem estava presente na história e no final desenhando a cena preferida da história. Depois de feitas as contagens e ilustrada a cena preferida de cada um, as crianças que estavam nas áreas arrumaram a sala e um a um deslocaram-se à área da biblioteca para escolher um livro e sentar a ler durante um minuto. Este tempo de leitura acabou por ser implementado uma vez por semana como forma de retorno à calma, momento de observação e concentração assim como de hábito de “leitura”.



Imagem 2 – D. a contar a história do livro de símbolos à L.



Imagem 3 – I. a contar a história aos amigos.



Imagem 4 – Minuto da leitura.

“A Caça ao Urso & Mapa do Tesouro”

Esta segunda atividade significativa surgiu pelo interesse das crianças em procurar o oculto a partir de pistas. Está relacionada também com um teatro que as crianças foram ver antes da atividade que abordava o medo e o oculto/desconhecido e em último lugar esta atividade foi também baseada nos animais de inverno nomeadamente o Urso, que estavam a ser abordados no momento. O livro/história utilizada foi “Vamos à Caça do Urso” que nos permite trabalhar posições relativas, percursos, repetição de vocabulários, assim como nos permite realizar uma aula de expressão pelo movimento ou até expressão plástica. Foi por todas estas razões que decidimos trabalhar esta história e explorá-la partindo dos interesses das crianças.

Numa primeira fase e para a implementação da atividade, foi mostrado o livro e pedido às crianças que se sentassem no tapete da sala de forma a criar um ambiente agradável e familiar tal como na história.

Posteriormente a história foi contada de forma interativa e entoada para que as crianças se sentissem de facto presentes na ação que se estava a desenrolar, o que aconteceu de facto. Ao longo da história as frases que se repetiam já eram ditas pelas crianças sem estas serem solicitadas o que demonstra a envolvimento com a história e a compreensão da mesma.

Depois de contada e recontada a história, foi feito um comboio atrás da estagiária e deslocámo-nos até à rua para realizar uma imaginária caça ao urso. Nesta

caça reproduzíamos as frases e sons mais marcantes da história assim como por onde estávamos a passar visto ser uma caça imaginária.

Posteriormente voltámos para a sala e as crianças foram distribuídas em grupos para que cada grupo realizasse os cenários do percurso e as personagens plasticamente. Este trabalho foi realizado em dois dias e a implementação do segundo dia foi feita a partir de mapas que localizavam pistas do que iria ser realizado (conclusão dos mapas e mapa gigante). No final destes 2 dias construímos um mapa gigante presente na Imagem 2.2. realizamos uma aula de movimento, trabalhamos a oralidade e a escrita a matemática e o conhecimento do mundo.

Com esta atividade, foram conseguidos os objetivos traçados: acompanhar a história e compreender o significado das onomatopeias, sentir o que é transmitido na história através da forma como é contada (medo, segurança, entusiasmo, aflição...) compreensão dos jogos de palavras, perceção do sentido direcional da escrita e reconhecimento de palavras escritas como “urso”. Conseguir trabalhar em grupo, desenvolver a capacidade de entreajuda e trabalhar a matemática implicitamente quando abordámos os percursos e a ordem dos cenários assim como a elaboração dos mapas.

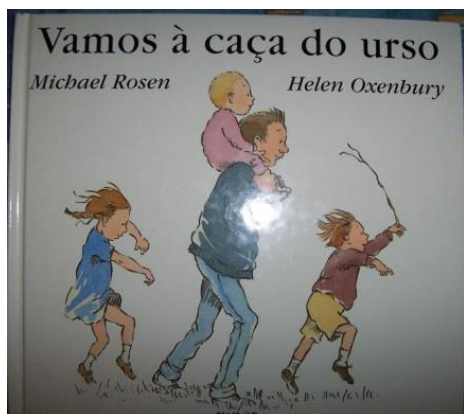


Imagem 5 – Capa do livro “Vamos à caça do Urso” Imagem 6 – Mapa da caça ao urso do Urso”



Imagem 7 – Entrega do mapa do tesouro



Imagem 8 – Mapas para descobrir qual a atividade do dia.

“Letrilândia – Um país muito diferente & Ilustração da história”

“Letrilândia” é uma história que foi apresentada no início do ano, por umas alunas de ERASMUS espanholas e que representa a história de uma família de vogais que reina num país muito distante e diferente do normal.

A maior parte das crianças de cinco anos já conheciam as vogais mas como as restantes não as conheciam foi decidido que de uma forma lúdica seriam ensinadas as vogais a quem não as tinha aprendido e relembradas a quem já as conhecia.

A história foi contada sem material como livro ou a história impressa, apenas com o auxílio do desenho das vogais que no final formavam a família. Depois de a mesma ter sido contada algumas crianças ficaram a fazer um jogo de vogais (Anexo 8) em que as cinco vogais estavam viradas para baixo e tinham de descobrir os pares, um aspeto relevante é que cada par minúsculo se completava com a maiúscula dessa mesma palavra assim ficariam a conhecer as vogais e as maiúsculas/ minúsculas dessas mesmas vogais. Outras crianças ficaram a brincar nas áreas da sala enquanto as restantes ficaram a ilustrar o livro da Letrilândia colorindo as personagens e desenhando os cenários para posteriormente a estagiária construir o livro que se encontra no anexo 9.

O objetivos a trabalhar foram que as crianças ficassem a conhecer as vogais, as minúsculas e maiúsculas de uma forma lúdica e motivante. Um dos objetivos que não foi conseguido foi o de fazer uma leitura da história a uma das salas da instituição assim como a conclusão do livro por parte das crianças, este não foi conseguido devido ao

acumular de tarefas para a festa de final de ano e aos ensaios para o espetáculo final assim como os respetivos preparativos.

5. Reflexão Crítica/ Avaliação/ Resultados

O facto de terem de ser feitas avaliações na educação pré-escolar, remete para a necessidade de “clarificação do que é e para que serve a avaliação das aprendizagens no âmbito da educação de infância, ou seja, para as finalidades desta avaliação” (Oliveira-Formosinho, 2002, p. 146) e assim compreender o porquê da necessidade da avaliação e da escolha de métodos para tal, métodos esses que se devem adequar ao contexto educativo e ao processo educativo.

Para avaliar as crianças, assim como o trabalho com as mesmas, os educadores durante a prática pedagógica, necessitam de saber observar e documentar. Esta observação e documentação compreendem-se como contínua, para que exista uma evolução e compreensão dos processos existentes.

5.1. Resultados alcançados

Depois das observações e documentação realizada ao longo do ano letivo e das intervenções terem sido focadas na área da linguagem oral e abordagem à escrita, todo o processo desenvolvido com o grupo de crianças permitiu compreender que o grupo cresceu e aprendeu não só com a área mais desenvolvida mas com todas as áreas, isto deve-se ao facto de serem realizadas sempre atividades que respondessem aos interesses e necessidades das crianças, assim como a importância que foi dada ao facto de o trabalho ser feito em parceria com a educadora titular.

A evolução foi mais visível ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita mas esta refletiu-se também nas restantes áreas devido ao à-vontade que as crianças iam demonstrando na forma como se expressavam e expressavam as suas necessidades. Assim podemos constatar que existiu uma evolução a nível geral por parte de todas as crianças.

Relativamente à área prioritária, que é a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foram desenvolvidos todos os domínios. Como para se compreender o código escrito é fundamental ter consciência do som que constrói as palavras foi trabalhada a

Consciência Fonológica. Neste domínio as crianças conheceram rimas tanto em canções como em poema e reproduziram-nas, identificaram o som no início e fim das palavras e desmontaram palavras e frases para conhecer as várias construções.

No âmbito do domínio da Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal, foram desenvolvidos ao longo do ano diálogos com perguntas e respostas, nestes diálogos as crianças questionaram e descreveram situações nomeadamente do seu interesse, assim como se expressaram relatando e vivenciando experiências do dia-a-dia. Estes discursos por parte das crianças tendiam sempre a ter uma sequência lógica com uma linguagem adequada e característica da idade. Apesar de algumas crianças terem alguma dificuldade em articular as palavras conseguiam manter um diálogo e expressar-se de forma entendida. Sempre que havia palavras novas e/ou mais complexas o interesse das crianças, especificamente das crianças de cinco anos, crescia e essa palavra era utilizada por elas durante um espaço de tempo próximo do qual a tinham aprendido.

Depois de trabalhada a oralidade e da escrita ser um interesse demonstrado pelas crianças, o domínio do Reconhecimento e Escrita de Palavras teve impacto na medida em que as crianças reconheceram algumas das palavras do seu quotidiano, souberam isolar letras e palavras assim como as reconhecer por ter contacto com elas, todas as crianças no final do ano souberam escrever o seu nome e algumas das crianças tinham um raciocínio que permitia produzir escrita silábica com o auxílio do adulto.

Com a exploração dos livros e das histórias, foi possível trabalhar o domínio do Conhecimento das Convenções Gráficas, pode-se constatar que as crianças no final do ano letivo aprenderam a pegar corretamente num livro, compreendiam que a escrita e os desenhos transmitem informação e que por isso mesmo sem saber decifrar o código escrito sabem ler para além de que compreendem para que serve a escrita e sabem reconhecer rótulos e identificações do seu quotidiano, ficaram a saber identificar elementos constituintes de um livro como a capa e a contracapa, a maior parte ficou a conhecer o sentido direcional da escrita e todas souberam reproduzir uma história através das suas ilustrações. As crianças de cinco anos e algumas de quatro anos distinguem letras de números assim como distinguem as letras maiúsculas das minúsculas.

Conclui-se ainda que com as histórias assim como com tudo o que as envolve é possível trabalhar de forma transversal pois através destas podem ser trabalhadas as

restantes áreas como é demonstrado nas atividades significativas assim como nas atividades que se encontram no anexo 8.

Avaliação Diagnóstica e Final

No início do ano, depois de feita uma primeira caracterização, foram encontrados os pontos fortes e pontos fracos do grupo na sua generalidade depois de se ter escolhido o tema do relatório, foi aplicada uma *checklist* (Anexo 5) a todo o grupo para constatação do que não estava realmente trabalhado de forma a chegar a conclusão do porquê.

Foi observado que mais do que em qualquer outra área, a linguagem oral e abordagem à escrita seria a área onde existiam mais dificuldades a nível geral e levantou-se a questão sobre o porquê de ser esta a área com mais dificuldades. Foi aplicada uma *checklist* (Anexo 10) específica para a Área da linguagem oral e abordagem à escrita. Não existindo uma razão aparente para as dificuldades a nível da área da linguagem oral e abordagem à escrita, o ponto a trabalhar foi a motivação, de modo a que esta área se desenvolvesse. Uma forma de trabalhar esta área sem descorar as restantes foi através dos livros e das histórias, assim trabalharíamos a área selecionada de uma forma aprofundada mas as Expressões, Formação Pessoal e Social, Matemática, Conhecimento do Mundo e Tecnologias da Informação e comunicação estariam sempre implícitas.

Desta forma, o grupo tornou-se mais participativo e entusiasmado, foi estimulada a curiosidade e assim as crianças tinham mais vontade de aprender e por terem iniciativa própria em aprender criavam estratégias de aprendizagem e tinham mais facilidade em desenvolver as suas capacidades.

A avaliação das crianças foi feita de uma forma contínua e muitas vezes informal, sendo que as crianças não tinham consciência de que estavam a ser avaliadas assim como a avaliação que estava a ser feita não tinha um registo formal. A avaliação teve base nas observações e reflexões tanto das ações das crianças assim como a nossa ação para que fosse possível uma melhor intervenção.

Os objetivos de motivar para a aprendizagem e a escrita foram conseguidos na maior parte dos casos, mas não na sua totalidade. O facto de o grupo ser heterogéneo não se revelou uma dificuldade até porque as crianças de três anos são tanto ou mais curiosas do que as de cinco anos.

No final do ano foi feita novamente a avaliação geral do grupo de todas as áreas (ver Anexo5.1) e também na área de linguagem oral e abordagem à escrita (ver Anexo10.1) tendo-se verificado que existiu evolução ao longo do ano tanto na área específica como nas restantes áreas.

O grupo passou a ser mais comunicativo, com uma maior facilidade em partilhar informação assim como em pedir informação. Apesar de não reproduzirem muitas rimas as canções assim como os jogos com as palavras estiveram sempre presentes no dia a dia da criança.

Verificou-se que as crianças no final do ano conseguiam pegar corretamente no lápis/caneta, destreza que permitiu ter também um melhor desempenho na rotina da alimentação ao pegar nos talheres. A utilização dos livros também passou a ser uma ação mais frequente assim como a área da biblioteca localizada na sala mais frequentada. A maior parte das vezes que se encontravam na área da biblioteca estavam a pares e recontavam histórias uns aos outros acompanhando a história com as imagens e fazendo querer que estavam a ler.

Devido ao plano curricular de atividades da instituição e ao sucessivo alterar de planos, algumas das atividades planeadas ao longo do ano não foram possíveis de realizar, atividades essas que seriam fazer um trabalho inter-salas e entre outras, visitas ao exterior, nomeadamente à biblioteca.

Com todas as observações acima descritas e comparando a primeira avaliação com a segunda, constamos que existiu evolução do grupo no desenvolvimento da linguagem e abordagem à escrita. As estratégias para que esta evolução tivesse sucesso foram a exploração das histórias de uma maneira cativante o facto de ser criado um ambiente de suspense antes da apresentação da atividade, também ajudaram a que o interesse pela exploração da história crescesse.

5.2. Validação de Resultados

Nesta secção do relatório são apresentados não só os dados relativos às atividades desenvolvidas assim como os seus resultados para que exista uma triangulação desses mesmos dados, dados esses que poderão ser recolhidos através de diferentes técnicas e instrumentos.

Analisando as atividades desenvolvidas podemos considerar que as crianças, por terem mais contacto com diferentes livros ficaram a conhecer formas diferentes de os construir. Quando foi mostrado o livro de símbolos, às crianças, assim como no livro da família (Anexo 11) demonstraram interesse em saber como este tinha sido feito/construído e desta forma passaram a conhecer novos materiais assim como o tempo em que esses materiais eram utilizados para construir livros para além de conhecerem outras profissões.

Com o interesse demonstrado pelas crianças individualmente ou em grupo atividades que não tinham sido planeadas foram desenvolvidas de forma a promover um desenvolvimento significativo e a corresponder às necessidades de cada criança.

As histórias podem ser contadas de diversas maneiras e com diversos materiais e a forma como são contadas ou lidas é muito importante. A forma como as histórias são transmitidas permite salientar a importância que estas têm na infância, nomeadamente em pré-escolar, pois estas assumem um papel de transmissor de saberes a vários níveis.

Com estas atividades e a forma como estas contribuíram para a boa evolução do grupo podemos concluir que ao longo da intervenção pedagógica devem ser utilizadas as histórias e os seus auxiliares como utensílios pedagógicos.

Se os educadores derem importância à área que nomeiam como biblioteca o ato de brincar na biblioteca passa a ter outra intencionalidade e as crianças vão valorizar mais o que existe dentro desta área. Para além de que as histórias, a leitura, o contato com os livros podem tornar-se uma atividade lúdica e prazerosa que lhes permite ter um melhor relacionamento com os outros.

5.3. Reflexão

No final de cada etapa, é importante que se faça uma reconstrução mental retrospectiva da ação para tentar analisá-la e avaliá-la como refere Alarcão (1996), e como afirma Serrazina (1999) Refletir não é apenas descrever o que aconteceu, é falar sobre e questionar o porquê de o ter acontecido. Um educador deve assim refletir constantemente para que melhore a sua prática da mesma forma.

Ao longo de todo o ano de estágio, este revelou ser rico em experiências e envolvências. Foi bom ver que existiu evolução tanto como profissional, como pessoal e

que por conhecermos pessoas diferentes e vários métodos de trabalho acabamos por adquirir uma bagagem que nos permite refletir sobre qual a ação que se adapta melhor aos nossos princípios e personalidade, assim como quais são as ações mais corretas.

Para além de recebermos muito desta prática supervisionada, acabamos também por deixar a nossa marca e contribuir com trabalho e experiências que com certeza fizeram a diferença. A relação com as pessoas da instituição, assim como com a relação com as crianças e família envolvida neste processo de ensino-aprendizagem, foi muito positiva ao longo de todo o ano letivo e isso reflete-se na alegria com que o trabalho foi desenvolvido e no empenho de todos os intervenientes. Quando se fala em todos os intervenientes é porque estes de facto, cada um com o seu papel, têm um papel fundamental neste processo e como o autor Day (1999) confirma, é importante tomar atenção a todos os aspetos e trabalhar em equipa até nas fases de reflexão, uma vez que a reflexão se pode tornar isolada e individualista se for feita só pelo educador e poderá ser insuficiente o que é aprendido a partir da análise da prática, por se estar simultaneamente envolvido nela. Contrariamente a esta ideia, se o professor souber partilhar a sua reflexão e tiver a capacidade de ouvir as críticas da restante equipa tem muito mais probabilidade de ser melhor e passar à ação com muito mais qualidade.

Apesar de não haver aspetos negativos a registar, é importante referir que há sempre aspetos a melhorar e é emergente ter a consciência desses mesmos erros para poder solucioná-los. Como aspetos a aperfeiçoar sugerem-se os seguintes: a capacidade de planear a longo prazo pois existe uma enorme dificuldade neste aspeto e em cumprir o estabelecido de forma calma e organizada. A avaliação das crianças, deveria ter sido mais organizada, apesar de muitas vezes ser aferida pela educadora, não era regular nem com a frequência que se desejava, o trabalho que foi desenvolvido com as colegas de estágio também foi positivo, contudo deveriam ser trabalhados aspetos como o trabalho em grupo, partilha de experiências e ética profissional, pois muitas vezes surgiam atritos desnecessários e falta de organização que não permitiam um bom trabalho conjunto.

Existem sempre algumas dúvidas sobre a vocação e a área que se deve seguir profissionalmente, como afirma Day (1999) quando refletimos pensamos numa “justiça social” para que exista um melhoramento pessoal e social, assim como profissional. Contudo, o desfecho é positivo e foi reforçada a convicção de que foi tomada a decisão certa na escolha do curso e da valência de intervenção. É importante ter consciência da

responsabilidade e ter consciência do trabalho que tem de ser feito dentro e fora da sala de jardim-de-infância, mas a recompensa que recebemos de cada criança, do grupo, dos resultados que são vistos ao longo do ano, assim como da gratidão que sentem para connosco são prémios que de facto fazem com que tudo valha a pena.

Para além destes aspetos e no fim de um ano de estágio, a sensação que fica patente é que quando se trabalha com prazer e com empenho começam por nascer e crescer os frutos de um trabalho que acaba por não ser considerado trabalho por ser desenvolvido com tanto gosto.

Em Educação de Infância, a reflexão culmina numa alteração da prática educativa para que esta seja melhor e que promova o desenvolvimento global da criança. E relativamente ao que foi dito anteriormente pode-se confirmar que após um ano de experiências com as crianças, verifica-se que, estas tiveram uma evolução na sua generalidade. Pode-se confirmar através de várias formas de avaliação que foram registadas mas também através dos comportamentos e maturidade das crianças que sofreram, em alguns casos particulares, muitas alterações. Relativamente às famílias das crianças, estas também tiveram uma grande evolução na medida em que passaram a confiar mais na prática dos docentes presentes na sala dos seus educandos, esta confiança está relacionada com o bom funcionamento da sala e da boa relação que há entre todos os agentes educativos, e também com a forma como as informações são passadas à família e a interação que foi tida ao longo do ano e como a confiança se foi adquirindo gradualmente pela família as próprias crianças também se sentiam mais seguras e assim sucessivamente.

Todo o percurso percorrido até à etapa final foi construído com muita vontade e agora espera-se que as perspetivas futuras sejam correspondidas. Perspetivas essas que são ir em busca de um local onde possa exercer a profissão para o qual todas estamos a lutar, sabendo que podemos não encontrar o ideal, mas crescer com todas as oportunidades. É também objetivo futuro estar em constante crescimento profissional e formação ativa, pois só assim conseguiremos acompanhar a evolução que a educação tem. Acima de tudo é importante manter os valores que são nossos e que regem a nossa prática. É importante saber que, dentro e fora da sala, o educador é também alguém em quem as crianças se espelham, uma vez que este é (ou deveria ser) o seu mais concreto exemplo de sabedoria, de carácter e porque não de heroísmo. Exemplo disso, é que uma

boa parte das crianças brinca às “escolas” e muitos deles em algum momento mostraram querer vir a ser educadores.

Concluindo esta reflexão, é de referir que este objeto de trabalho e organização, que é o portefólio, é também um espelho do que foi feito e do que há a melhorar, desta forma é um excelente agente reflexivo que poderá ser utilizado futuramente.

6. Conclusão

Quando as crianças veem o adulto chegar à sala e questionam o que irão fazer nesse dia é motivo de contentamento para o adulto, pois um dos objetivos foi conseguido, o objetivo de motivar para a aprendizagem e querer sempre saber mais. As diversas formas de implementar as atividades e como estas se desenvolviam foram cruciais para que este interesse se mantivesse, assim como o gosto pelo fantástico e pelo misterioso que fizeram com que as crianças se mantivessem atentas, por um lado por saberem que iria surgir uma atividade, mas por outro lado por não saberem qual seria. É também motivo de orgulho quando crianças se dirigem a nós com ideias de atividades que poderiam ser desenvolvidas.

Uma conclusão a que se pode chegar é que quando as atividades são realizadas com gosto, empenho, dedicação pelo que se está a fazer, as próprias crianças sentem-se entusiasmadas e isso reflete-se na forma como o decorrer da atividade se dá. Assim como quando a disposição do adulto não é a melhor também se vê refletido no decorrer da atividade e nos resultados obtidos. Desta forma e por esta razão, o educador funciona como um espelho para as crianças uma vez que é um exemplo de ação e comportamentos.

Assim é de enorme importância que o seu exemplo seja fiel aos valores a incutir porque em consciência se estão a criar pessoas na sua integridade.

Referências Bibliográficas

- ALARCÃO, I. (1996). Ser professor reflexivo. Formação reflexiva de professores. Porto: Porto Editora.
- DAY, C. (1999). Developing teachers: The challenges of lifelong learning. London: Falmer.
- GANDINI, L. (2008). Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In C. Edwards, L. Gandini & G. Forman, As cem linguagens da criança - a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância (pp.145-158). Porto Alegre: Artmed.
- GOODMAN, Y. (1984). The development of initial literacy. In H. Goelman, A. Olberg & F. Smith (Eds.), Awaking to literacy. Exeter, NH: Heinemann Educational
- HOHMANN, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a Criança* (5ª edição ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- HORTA, M. H. (2007). *A abordagem à escrita na educação Pré-Escolar que realidade?* Penafiel: Editorial Novembro;
- JUSTICE, L., & Using shared storybook reading to promote emergent literacy. Teaching Exceptional Children, 34 (4), 8-12.
- MACGUINNESS, D. (2005). Language development and learning to read. The scientific study of how language development affects reading skill. Cambridge, MA: The MIT Press.
- MATA, L. (2008). *A Descoberta da Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação . Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2002). A Supervisão na Formação de Professores I - Da sala à Escola. Porto: Porto Editora;
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J., Andrade, F. F., & Gambôa, R. (2009). *Podiam Chamar-se Lenços de Amor*. Lisboa: Ministério da Educação.
- REBELO, D., & Atalaia, L. (2000). *Para o Ensino e Aprendizagem da Língua Materna*. (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte
- REIS, P. R. (2008). *Investigar e Descobrir - Actividades para a Educação em Ciências nas Primeiras Idades*. Chamusca: Edições Cosmos.
- SÁ-CHAVES, I. (Org.) *Os "portfólios " reflexivos (também) trazem gente dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos formativos*. Porto: Porto Editora, 2005.

- SANTOS, A. I. (2007). A Abordagem à Leitura e à Escrita no Jardim-de-Infância: Concepções e Práticas dos Educadores de Infância. Dissertação de Doutoramento em Educação. Universidade dos Açores.
- SERRAZINA, L. (1999). Reflexão, conhecimento e práticas lectivas em matemática num contexto de reforma curricular no 1º ciclo. *Quadrante*, 9, 139-167.
- SILVA, I. et al. (1997). “*Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar.*” Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.
- SOUSA, A. (2007). *Investigação em educação*. 2ª Edição: Livros Horizonte.
- VIANA, F. L., & Ribeiro, I., (2014). *Falar, Ler e Escrever. Propostas Integradoras para Jardim de Infância* Carnaxide. Santillana

Anexos

Anexo 1 – Mapa do enquadramento do JI

(Lisboa- Bairro Padre Cruz)

Anexo 2 – Foto do espaço exterior do JI

Anexo 3 – Planta da sala no 1º Período

Anexo 4 – Planta da sala definitivo

Anexo 5 – *Checklist* geral do grupo aplicada no início do ano

Anexo 5.1 - *Checklist* geral do grupo aplicada no final do ano

Anexo 6 – Atividades de rotina

Anexo 7 – Ficha relacionada com o Livro de símbolos

Anexo 8 – Jogo das Vogais/Consoantes vs

Minúsculas/Maiúsculas

Anexo 9 – Imagens do Livro “Letrilândia”

Anexo 10 - *Checklist* específica de avaliação de Linguagem

Oral e Abordagem à Escrita aplicada no início do ano

Anexo 10.1 - *Checklist* específica de avaliação de Linguagem

Oral e Abordagem à Escrita aplicada no final do ano

Anexo 11 – Imagens do Livro da Família

Anexo 1

Mapa do enquadramento do JI

Mapa de Portugal



Mapa do distrito de Lisboa



Mapa da Cidade de Lisboa



Mapa da Freguesia de Carnide



Mapa do Bairro Padre Cruz



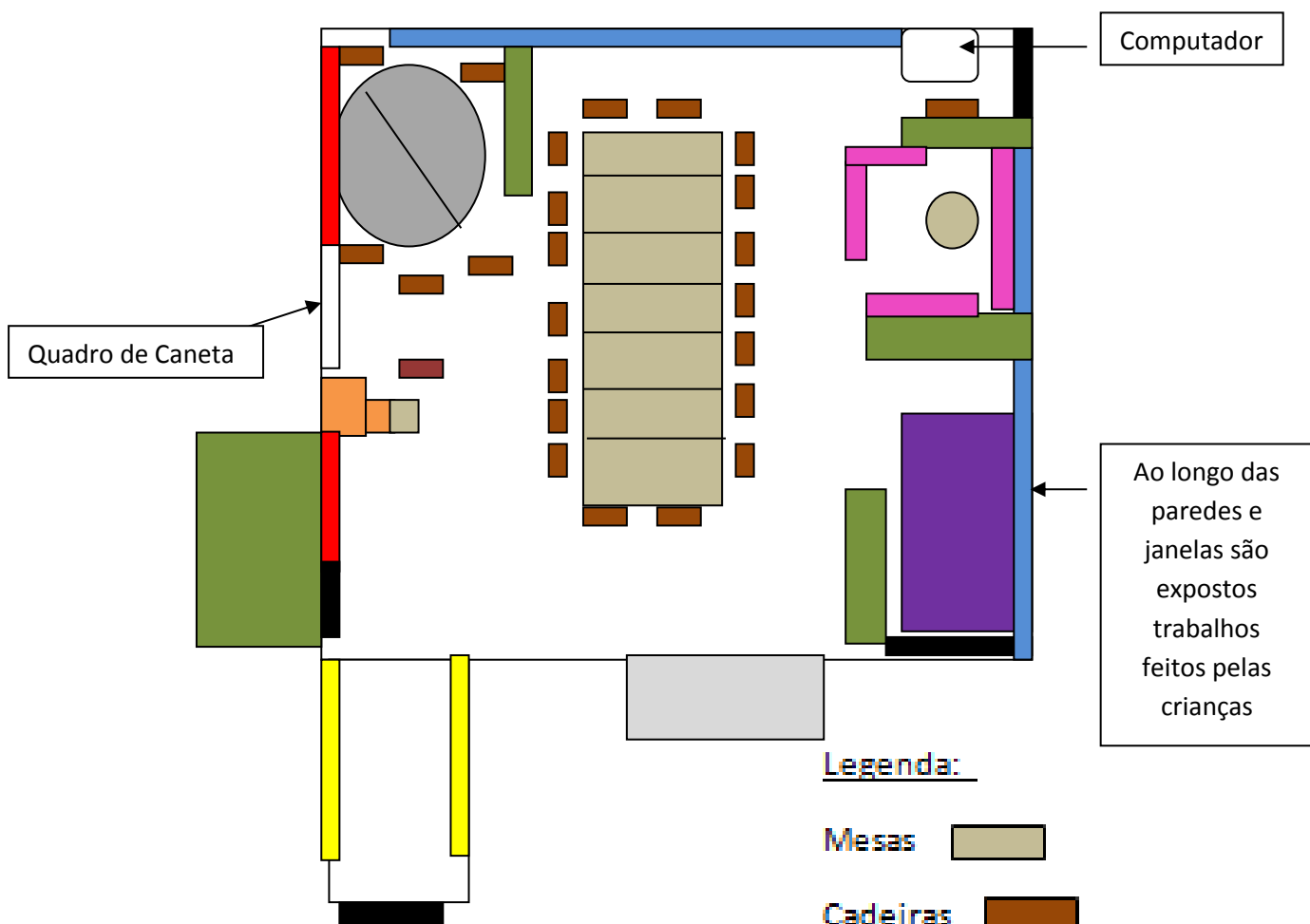
Anexo 2

Foto do espaço exterior do JI



Anexo 3

Planta da sala no 1º Período



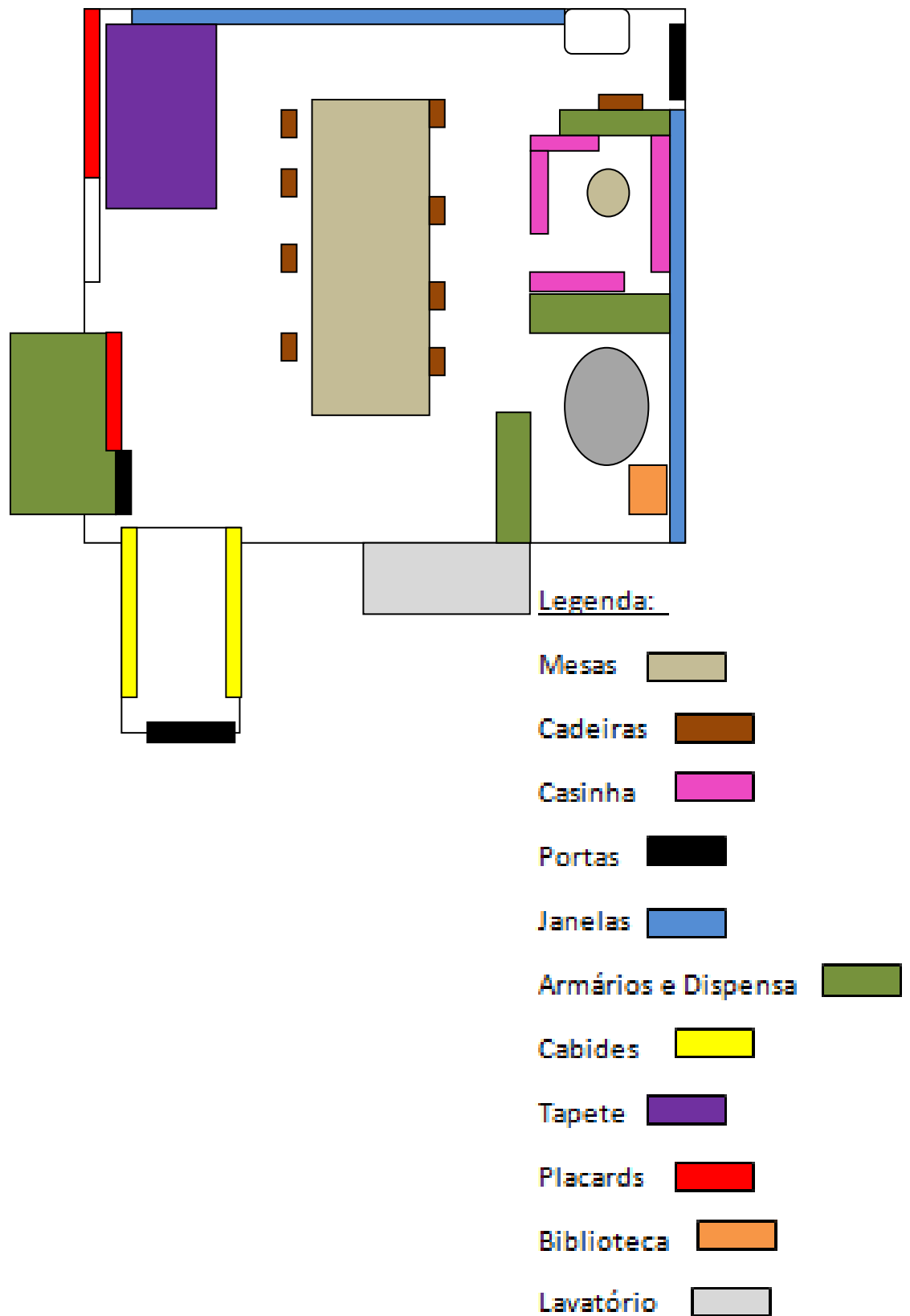
Legenda:

- Mesas 
- Cadeiras 
- Casinha 
- Portas 
- Janelas 
- Armários e Dispensa 
- Cabides 
- Tapete 
- Placards 
- Biblioteca 
- Lavatório 

Anexo 4

Planta da sala no definitivo

(O número de materiais na sala continua a ser o mesmo, a disposição foi alterada)



Anexo 5

Checklist geral do grupo

Aplicada no início do ano

Checklist Avaliação Geral do Grupo

Jardim de Infância: Bairro Padre Cruz																	
Faixa etária: 3 anos																	
Formação Pessoal e Social																	
	Identifica características individuais	Avalia a aprecia criticamente o trabalho que realiza	Conhece e nomeia sentimentos	Brinca em grupo	Fez uma boa integração no Jardim de Infância	Participa e integra-se nas atividades	Aceita as regras instituídas e cumpre-as	Manifesta atitudes de conservação e respeito pelo ambiente	É autónomo na higiene	É autónomo na Alimentação	É autónomo no vestuário	Organiza-se no espaço	Conhece e usa corretamente os materiais	Organiza e leva as suas tarefas até ao fim	TIC		
															Explora livremente jogos e outras atividades lúdicas no computador	Utiliza o computador como instrumento de pesquisa	Utiliza algumas ferramentas digitais básicas
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
BR.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
CA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DÉ	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DI	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
ÉR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IV	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LAM	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FL	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LAA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LUA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LUE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
HE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
JO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
MA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
RA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
GO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A

NA - NÃO ADQUIRIDO
EA - EM AQUISIÇÃO
A - ADQUIRIDO
N - NÃO OBSERVADO



Expressão e Comunicação															
Expressão Motora				Expressão Dramática			Expressão Musical				Expressão Plástica				
Coordena movimentos em jogos orientados	Coordena movimentos finos (recorta, pinta, encaixa)	Adquiriu noções espaciais (atrás, à frente, em cima, em baixo)	Adquiriu noções temporais (ontem, hoje e amanhã)	É capaz de improvisar	Dramatiza situações do dia-a-dia	Participa no desenvolvimento de projetos de teatro	Memoriza canções poéticas e lengalengas	Produz/reproduz sons com diversos objetos	Bate o ritmo com instrumentos	Identifica o nome de alguns instrumentos musicais	Desenha e pinta de forma organizada	Desenha a figura humana	Preocupa-se com a apresentação dos seus trabalhos	Representa graficamente histórias/acontecimentos	Demonstra criatividade nos seus trabalhos
AF.	A	A	A	A	A	A	EA	A	A	A	A	A	A	A	A
BR.	A	A	EA	A	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	A	A	EA
CA.	A	A	EA	A	A	A	EA	A	A	A	A	A	A	A	A
DÉ	A	A	A	A	A	A	EA	A	A	A	A	A	A	A	A
DI	A	A	A	A	A	A	EA	A	A	A	A	A	A	A	A
ÉR	A	A	A	EA	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	A	EA
FR	A	A	EA	A	A	EA	EA	A	A	A	A	A	EA	A	EA
IV	A	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	A	EA	A	A
LAM	A	A	A	A	A	A	EA	A	A	A	A	A	A	A	A
DU	A	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	EA	EA
DA	A	A	EA	EA	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	EA	EA
FL	A	A	EA	EA	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	EA	EA
IR	A	A	A	EA	A	EA	EA	A	A	A	EA	A	EA	A	A
LAA	A	A	EA	EA	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	EA	EA
LUA	A	A	EA	EA	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A
LUE	A	A	EA	EA	EA	EA	EA	EA	A	A	A	EA	A	A	A
LE	A	A	A	EA	EA	A	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A
HE	A	A	A	EA	A	A	EA	A	A	A	EA	EA	EA	EA	A
LA	A	A	EA	EA	EA	EA	EA	A	A	A	A	A	A	EA	A
LU	A	A	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	A	EA	A
JO	A	A	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	A	EA	A
MA	A	A	EA	EA	A	EA	EA	A	A	A	A	A	A	EA	A
RA	A	A	EA	EA	A	EA	EA	A	A	A	A	A	EA	EA	A
GO	A	A	EA	EA	A	EA	EA	A	A	A	A	A	EA	EA	EA

Linguagem Oral e Abordagem à Escrita																
	Fala adequadamente e em contexto	Articula corretamente e memoriza palavras	Utiliza um vocabulário adequado	Conta e reconta com sequência	Interpreta imagens e símbolos	Reconhece palavras escritas do seu quotidiano	Faz tentativas de escrita	Conhece o sentido direcional da escrita e da leitura	Atribui significado à escrita em contexto	Sabe que as letras correspondem a sons	Distingue letras de números	Identifica algumas letras maiúsculas e minúsculas	Identifica palavras que começam ou acabam com a mesma sílaba	Segmenta silabicamente uma palavra	Produz rimas	Reconhece num livro: capa/título/página
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	GA	A	EA	EA	EA	EA	A
BR.	A	A	A	GA	A	A	A	EA	GA	GA	A	GA	A	GA	GA	EA
CA	GA	GA	A	A	A	A	A	GA	GA	GA	A	GA	A	GA	GA	GA
DÉ	A	A	A	A	A	A	A	GA	GA	GA	A	A	A	GA	GA	EA
DI	A	A	GA	A	A	A	A	A	A	GA	A	A	A	GA	A	A
ÉR	GA	GA	GA	GA	A	A	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	GA	GA
FR	A	A	GA	GA	A	A	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	GA	GA
IV	GA	A	GA	GA	A	A	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	GA	GA
LA M	A	A	A	GA	A	A	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	A	GA
DU	A	A	A	A	A	A	A	GA	A	GA	A	GA	A	GA	A	GA
DA	GA	A	GA	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	EA	GA	GA	GA
FL	GA	GA	GA	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	GA	GA
IR	GA	A	A	GA	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	EA	GA	A	A
LA A	EA	A	GA	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	GA	A
LU A	A	A	GA	GA	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	EA	GA	GA	A
LU E	GA	A	A	GA	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	A	GA	GA	GA
LE	A	A	GA	GA	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	EA	GA	A	A
HE	GA	A	GA	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	GA	A
LA	A	A	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	A	GA	A	GA
LU	A	GA	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	A	GA
JO	A	A	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	GA	A
MA	A	A	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	GA	GA
RA	A	A	A	GA	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	GA	GA
GO	GA	A	A	GA	A	GA	GA	GA	GA	GA	GA	GA	EA	GA	GA	GA

	Matemática														Conhecimento do Mundo				
	Agrupar objetos de acordo com as suas características	Reconhece os números de 1 a 10	Reconhece sem contagem o nº de objetos de um conjunto	Realiza pequenas operações numéricas	Relaciona quantidade e número	Identifica as figuras geométricas	Identifica quantidades e números até 10	Tem noção de conjunto	Organiza conjuntos em função de 2 atributos ou mais	Consegue classificar objetos	Consegue ordenar objetos	Consegue seriar objetos	Recolhe dados e organiza-os em tabelas/pictogramas	Manifesta curiosidade e desejo de saber	Estabelece relação de causa efeito	Observa, regista e compreende com atitude científica	Respeita o ambiente	Reconhece diferentes formas de representação da terra	Identifica alguns lugares num mapa
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	EA
BR.	A	A	EA	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	EA
CA	A	EA	EA	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	EA
DÉ	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	EA
DI	A	A	A	A	A	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	EA
ÉR	A	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
FR	A	A	EA	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
IV	A	A	EA	A	A	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	EA	A	A	A	A	EA
LAM	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	EA	A	A	A	A	EA	A	A	A	A	EA
DU	A	A	A	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
DA	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
FL	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
IR	EA	A	EA	A	A	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
LAA	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
LUA	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
LUE	EA	A	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
LE	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
HE	EA	A	EA	EA	EA	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
LA	A	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
LU	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
JO	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
MA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
RA	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA
GO	EA	EA	EA	EA	EA	A	EA	EA	EA	A	A	A	EA	EA	A	A	A	A	EA

- Baseado no Registo de Avaliação do Aquecimento de escolas do Baixo Foz de Guiz

Anexo 5.1

Checklist geral do grupo

Aplicada no final do ano

Checklist Avaliação Geral do Grupo

Jardim de Infância: Bairro Padre Cruz													Faixa etária: 3 anos					Ano letivo: 2013/2014		
Formação Pessoal e Social													TIC							
	Identifica características individuais	Avalia a apreia criticamente o trabalho que realiza	Conhece e nomeia sentimentos	Brinca em grupo	Fez uma boa integração no Jardim de Infância	Participa e integra-se nas atividades	Aceita as regras instituídas e cumpre-as	Manifesta atitudes de conservação e respeito pelo ambiente	É autônomo na higiene	É autônomo na Alimentação	É autônomo no vestuário	Organiza-se no espaço	Conhece e usa corretamente os materiais	Organiza e leva as suas tarefas até ao fim	Explora livremente jogos e outras atividades lúdicas no computador	Utiliza o computador como instrumento de pesquisa	Utiliza algumas ferramentas digitais básicas			
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
BR.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
CA.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
DE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
DI	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
ÉR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
FR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
IV	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LA M	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
DU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
DA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
FL	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
IR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LA A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LU A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LU E	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
HE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
LU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
JO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
MA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
RA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			
GO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		A	A			

NA - NÃO Adquirido
EA - EM AQUISIÇÃO
A - Adquirido
☑ - NÃO observado

	Fala adequadamente e em contexto	Articula corretamente e memoriza palavras	Utiliza um vocabulário adequado	Conta e reconta com sequência	Interpreta imagens e símbolos	Reconhece palavras escritas do seu quotidiano	Faz tentativas de escrita	Conhece o sentido direcional da escrita e da leitura	Atribui significado à escrita em contexto	Sabe que as letras correspondem a sons	Distingue letras de números	Identifica algumas letras maiúsculas e minúsculas	Identifica palavras que começam ou acabam com a mesma sílaba	Segmenta silabicamente uma palavra	Produz rimas	Reconhece num livro: capa/título/página
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
BR.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
CA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DÉ	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DI	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
ÉR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IV	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LAM	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FL	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LAA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LUA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LUE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
HE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
JO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
MA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
RA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
GO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A

Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

	Matemática												Conhecimento do Mundo						
	Agrupar objetos de acordo com as suas características	Reconhece os números de 1 a 10	Reconhece sem contagem o nº de objetos de um conjunto	Realiza pequenas operações numéricas	Relaciona quantidade e número	Identifica as figuras geométricas	Identifica quantidades e números até 10	Tem noção de conjunto	Organiza conjuntos em função de 2 atributos ou mais	Consegue classificar objetos	Consegue ordenar objetos	Consegue seriar objetos	Recolhe dados e organiza-os em tabelas/pictogramas	Manifesta curiosidade e desejo de saber	Estabelece relação de causa efeito	Observa, regista e compreende com atitude científica	Respeita o ambiente	Reconhece diferentes formas de representação da terra	Identifica alguns lugares num mapa
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
BR.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
CA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DI	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
ÉR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IV	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LA M	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FL	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IR	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LAA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LUA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LUE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
HE	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
JO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
MA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
RA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
GO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A

- Baseado no Registo de Avaliação do Aquecimento de escolas do Baixo Póvo e Cruz

Anexo 6

Atividades de rotina

Nome do Aluno Mónica Santos
abril 2014

Data: outubro 2013 a

Planificação 1 -Rotinas

Tempo	Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver:	Situações/Experiências de aprendizagem:	Estratégias:	Estratégias de registo de avaliação:
8h30-9h00	_____	_____	-Acolhimento	- As monitoras recebem as crianças de uma forma calma, numa sala da instituição até que cheguem as educadoras e as acompanhem até às salas respetivas	-Os Registos possíveis são registos de recados dos familiares e/ou comportamento das crianças
9h00-9h30	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia -Meta Final 9) No final da educação pré-escolar, a criança demonstra empenho nas	- Ganhar autonomia no preenchimento de uma tabela de forma cuidada.	-Registo das presenças	-Enquanto vão chegando à sala e acalmando, as crianças da sala 4 vão marcando a sua presença num quadro com uma grelha onde têm de identificar o seu nome e seguir a sua “linha” até ao dia em que estão marcando com um círculo, sendo que os dias anteriores já estão preenchidos torna-se mais fácil o preenchimento para os mais novos.	-Registos de presenças das crianças para posterior verificação das faltas ao longo da semana/mês.

	atividades que realiza (propostas pelo educador), concluindo o que foi decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado.				
9h30	<p>-Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>-Domínio: Independência/ Autonomia</p> <p>-Meta Final 7)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança encarrega-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma.</p>	- Responsabilizar uma criança da sala por desenvolver algumas tarefas de rotina;	-Eleição do “amigo do dia”	-Cada dia há a rotina de eleger uma criança que seja o “amigo do dia”, este ajuda nas tarefas da sala, é responsável e desta forma tem de dar o exemplo aos seus amigos e mostrar que merece ter este cargo. --O cargo é rotativo e até ao momento (Outubro 2013) só as crianças de 5 anos e uma criança de 4 anos o têm sido, mas ao longo do tempo vão participando outras crianças.	Registo de Capacidade de liderança e de responsabilidade perante a tarefa que lhes forem atribuídas.

9h30-9h40	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia -Meta Final 6) No final da educação pré-escolar, a criança identifica os diferentes momentos da rotina diária da sala do jardim-de-infância, reconhecendo a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê.	- Realizar as contagens corretamente; - Reconhecer as tarefas a desenvolver.	Contagem e registo das crianças da sala	O Amigo do Dia conta de forma organizada as crianças da sala, começando pelos meninos ou meninas e terminando nos que não contou. Depois de feita a contagem é registado na “tabela” e feita a conta de forma que percebam o cálculo que foi feito.	Forma como organiza a contagem; Registo feito de modo correto; Capacidade de perceber se precisa de ajuda; Que tipo de ajuda necessita.
9h40-9h50	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia	- Conhecer a sequência dos dias/ meses/ anos e dias da semana.	Registo do dia/mês/ano	É feito efetivamente pelo Amigo do Dia, mas o Adulto (Educadora/Estagiária) orientam de forma que todos participem de forma organizada.	Avaliar a capacidade de transferir o que ouviu para o que tem de registar.

	-Meta Final 6) No final da educação pré- escolar, a criança identifica os diferentes momentos da rotina diária da sala do jardim- de-infância, reconhecendo a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê.				
10h45	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/ Autonomia -Meta Final 5) No final da educação pré- escolar, a criança realiza, sem ajuda, tarefas indispensáveis à	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Momento de higiene	Momento em que as crianças acompanhadas pelo adulto vão à casa de banho lavar as mãos para comer a fruta.	Avaliar autonomia através de registos de como gerem as tarefas que realizam.

	vida do dia-a-dia (vestir-se/ despir-se; apertar/ desapertar, utilizar a casa de banho adequadamente.				
10h45-11h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/ Autonomia	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Reforço da manhã (fruta)	Sentados nas mesas, é distribuída a fruta com a ajuda do Amigo do Dia.	Avaliar autonomia através de registos.
11h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/ Autonomia -Meta Final 5) No final da educação pré-escolar, a criança realiza, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Momento de higiene	Momento em que as crianças acompanhadas pelo adulto vão à casa de banho lavar as mãos para depois poderem ir ao recreio	Avaliar autonomia através de registos de como gerem as tarefas que realizam.

	(vestir-se/ despir-se; apertar/ desapertar, utilizar a casa de banho adequadamente.				
11h-11h45	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Cooperação -Meta Final 16) No final da educação pré- escolar, a criança partilha brinquedos e outros materiais com colegas. Domínio: Convivência Democrática/ Cidadania Meta Final 23) No final da educação pré- escolar, a criança contribui para a	- Conviver e saber conviver com os outros; - Cumprir regras.	Recreio	Brincadeira livre ou orientada na rua, de baixo dos telheiro caso chova.	Avaliar Brincadeira em grupos/Individual; Reconhecer e aplicar regras definidas para o recreio através de registos.

	elaboração das regras de vida em grupo, reconhece a sua razão e necessidade e procura cumpri-las.				
11h45-12h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Momento de higiene	Momento em que as crianças acompanhadas pelo adulto vão à casa de banho lavar as mãos para almoçarem	Avaliar autonomia através de registos de como gerem as tarefas que realizam.
12h-13h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia -Meta Final 5) No final da educação pré-escolar, a criança realiza, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	- Conseguir utilizar talheres para realizar a alimentação; - Conviver de forma regrada.	Almoço	Momento de refeição no refeitório comum.	Registos de como se comportam à mesa. Check list.

	(como por exemplo, comer utilizando adequadamente os talheres, saber estar sentado corretamente à mesa, etc.).				
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--

Nome do Aluno Mónica Santos
2014

Data: abril a julho de

Planificação 1 -Rotinas

Tempo	Metas de Aprendizagem Domínios e Subdomínios	Competências a desenvolver:	Situações/Experiências de aprendizagem:	Estratégias:	Estratégias de registo de avaliação:
8h30-9h00	_____	_____	-Acolhimento	- As monitoras recebem as crianças de uma forma calma, numa sala da instituição até que cheguem as educadoras e as acompanhem até às salas respetivas	-Os Registos possíveis são registos de recados dos familiares e/ou comportamento das crianças
9h00-9h30	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia -Meta Final 9) No final da educação pré-escolar, a criança demonstra empenho nas	- Ganhar autonomia no preenchimento de uma tabela de forma cuidada.	-Registo das presenças	-Enquanto vão chegando à sala e acalmando, as crianças da sala 4 vão marcando a sua presença num quadro com uma grelha onde têm de identificar o seu nome e seguir a sua “linha” até ao dia em que estão marcando com um círculo, sendo que os dias anteriores já estão preenchidos torna-se mais fácil o preenchimento para os mais novos.	-Registos de presenças das crianças para posterior verificação das faltas ao longo da semana/mês.

	atividades que realiza (propostas pelo educador), concluindo o que foi decidido fazer e procurando fazê-lo com cuidado.				
9h30	<p>-Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>-Domínio: Independência/ Autonomia</p> <p>-Meta Final 7)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança encarrega-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma.</p>	- Responsabilizar uma criança da sala por desenvolver algumas tarefas de rotina;	-Eleição do “amigo do dia”	<p>-Cada dia há a rotina de eleger uma criança que seja o “amigo do dia”, este ajuda nas tarefas da sala, é responsável e desta forma tem de dar o exemplo aos seus amigos e mostrar que merece ter este cargo. --O cargo é rotativo e até ao momento (Outubro 2013) só as crianças de 5 anos e uma criança de 4 anos o têm sido, mas ao longo do tempo vão participando outras crianças.</p> <p>No 1º período só os 5 anos</p> <p>No 2º período 4 e 5 anos</p> <p>No 3º período todas as crianças poderão ser eleitas “amigo do dia” apesar de terem necessidade de auxílio por parte do adulto da sala ou de uma criança que tenha adquirido as competências necessárias para desenvolver as atividades a que se</p>	Registo de Capacidade de liderança e de responsabilidade perante a tarefa que lhes forem atribuídas.

				destina o Amigo do Dia.	
9h30-9h40	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia -Meta Final 6) No final da educação pré-escolar, a criança identifica os diferentes momentos da rotina diária da sala do jardim-de-infância, reconhecendo a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê.	- Realizar as contagens corretamente; - Reconhecer as tarefas a desenvolver.	Contagem e registo das crianças da sala	O Amigo do Dia conta de forma organizada as crianças da sala, começando pelos meninos ou meninas e terminando nos que não contou. Depois de feita a contagem é registado na “tabela” e feita a conta de forma que percebam o cálculo que foi feito.	Forma como organiza a contagem; Registo feito de modo correto; Capacidade de perceber se precisa de ajuda; Que tipo de ajuda necessita.
9h40-9h50	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia	- Conhecer a sequência dos dias/ meses/ anos e dias da semana.	Registo do dia/mês/ano	É feito efetivamente pelo Amigo do Dia, mas o Adulto (Educadora/Estagiária) orientam de forma que todos participem de forma organizada. No final de todos os registos é feito o	Avaliar a capacidade de transferir o que ouviu para o que tem de registar. Avaliar registo escrito.

	<p>-Meta Final 6)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança identifica os diferentes momentos da rotina diária da sala do jardim-de-infância, reconhecendo a sua sucessão, o que faz em cada um deles e para quê.</p>			<p>preenchimento de um registo escrito por parte da criança eleita como amigo do dia (somente os finalistas) que se encontra depois desta planificação.</p>	
10h45	<p>-Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>-Domínio: Independência/ Autonomia</p> <p>-Meta Final 5)</p> <p>No final da educação pré-escolar, a criança realiza, sem ajuda, tarefas indispensáveis à</p>	<p>- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia</p>	Momento de higiene	<p>Momento em que as crianças acompanhadas pelo adulto vão à casa de banho lavar as mãos para comer a fruta.</p>	<p>Avaliar autonomia através de registos de como gerem as tarefas que realizam.</p>

	vida do dia-a-dia (vestir-se/ despir-se; apertar/ desapertar, utilizar a casa de banho adequadamente.				
10h45-11h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/ Autonomia	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Reforço da manhã (fruta)	Sentados nas mesas, é distribuída a fruta com a ajuda do Amigo do Dia.	Avaliar autonomia através de registos.
11h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/ Autonomia -Meta Final 5) No final da educação pré-escolar, a criança realiza, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Momento de higiene	Momento em que as crianças acompanhadas pelo adulto vão à casa de banho lavar as mãos para depois poderem ir ao recreio	Avaliar autonomia através de registos de como gerem as tarefas que realizam.


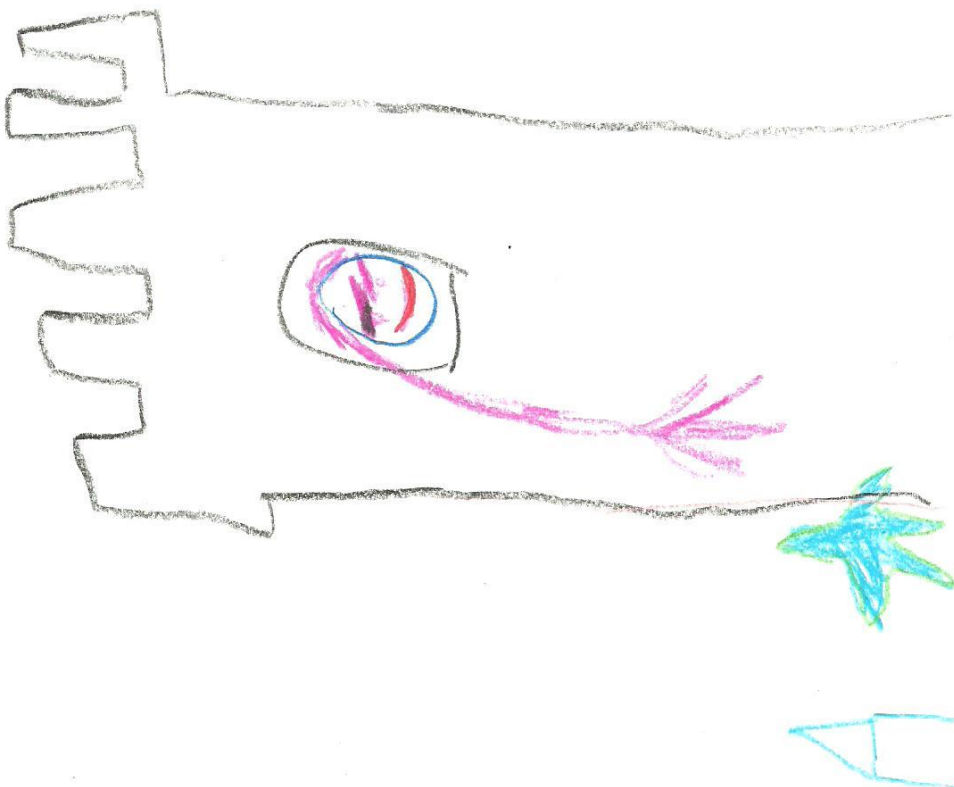
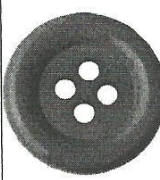
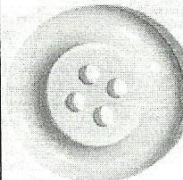
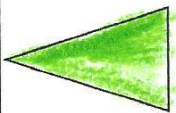
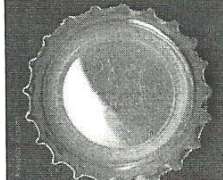
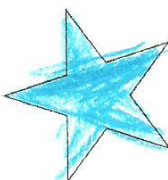
	(vestir-se/ despir-se; apertar/ desapertar, utilizar a casa de banho adequadamente.				
11h-11h45	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Cooperação -Meta Final 16) No final da educação pré- escolar, a criança partilha brinquedos e outros materiais com colegas. Domínio: Convivência Democrática/ Cidadania Meta Final 23) No final da educação pré- escolar, a criança contribui para a	- Conviver e saber conviver com os outros; - Cumprir regras.	Recreio	Brincadeira livre ou orientada na rua, de baixo dos telheiro caso chova.	Avaliar Brincadeira em grupos/Individual; Reconhecer e aplicar regras definidas para o recreio através de registos.

	elaboração das regras de vida em grupo, reconhece a sua razão e necessidade e procura cumpri-las.				
11h45-12h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia	- Realizar, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	Momento de higiene	Momento em que as crianças acompanhadas pelo adulto vão à casa de banho lavar as mãos para almoçarem	Avaliar autonomia através de registos de como gerem as tarefas que realizam.
12h-13h	-Área da Formação Pessoal e Social -Domínio: Independência/Autonomia -Meta Final 5) No final da educação pré-escolar, a criança realiza, sem ajuda, tarefas indispensáveis à vida do dia-a-dia	- Conseguir utilizar talheres para realizar a alimentação; - Conviver de forma regrada.	Almoço	Momento de refeição no refeitório comum.	Registos de como se comportam à mesa. Check list.



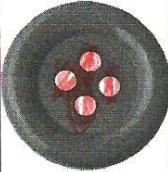
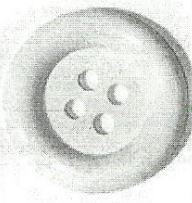

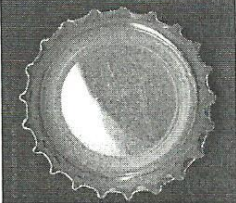
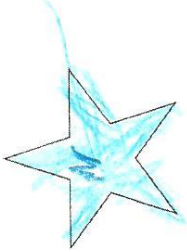
	(como por exemplo, comer utilizando adequadamente os talheres, saber estar sentado corretamente à mesa, etc.).				
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--

Anexo 7





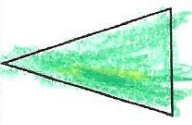
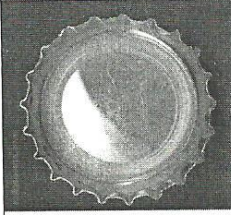

Ficha relacionada com o Livro de símbolos

Objeto	Quanto há na história	A minha personagem preferida
	11	
	6	
	4	
	11	
	4	
	9	


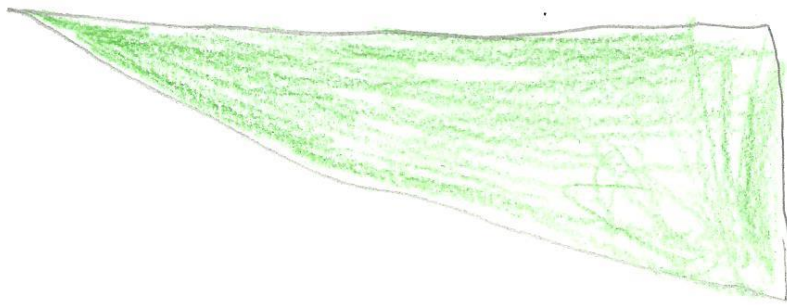
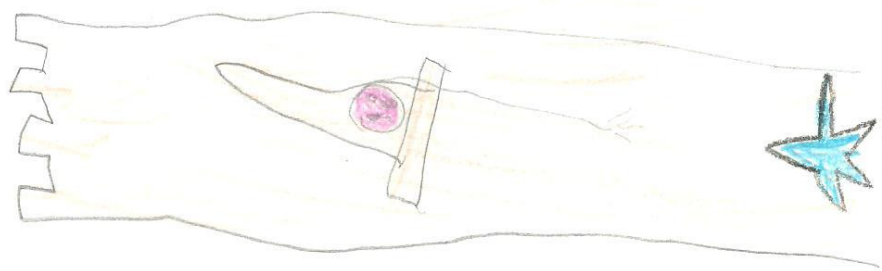
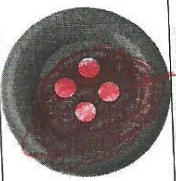
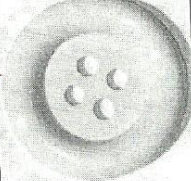
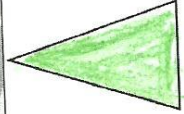
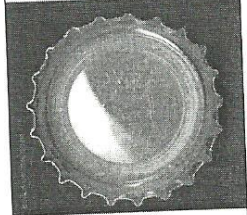
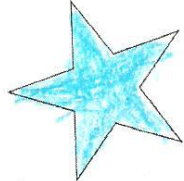
LARA SOFIA

Objeto	Quanto há na história	A minha personagem preferida
	2	
	6	
	4	
	77	
	9	
	9	

6-5-2014

Objeto	Quanto há na história	A minha personagem preferida
	11	
	6	
	4	
	11	
	4	
	9	

LARA ADRIANA G-S-2014

Objeto	Quanto há na história	A minha personagem preferida
	11	<div data-bbox="279 705 406 1164"> DUARTE 1-5-2014 </div> <div data-bbox="438 604 1228 907">  </div> <div data-bbox="542 257 1428 526">  </div>
	6	
	4	
	11	
	4	
	9	

Díego

Objeto	Quantos há na história	A minha personagem preferida
	14	
	5	
	4	
	11	
	4	
	2	

Anexo 8

Jogo das Vogais/Consoantes

vs

Minúsculas/Maiúsculas



1º - Viram-se todas as peças para cima de forma a dar a conhecer as regras do jogo às crianças e verificar se todas entenderam e saberão jogar.

2º - Viram-se todas as peças para baixo para que não se vejam as vogais e baralham-se as peças.



3º - Cada criança vira 2 peças e caso sejam a mesma vogal ficam com essa mesma vogal, caso não acertem na vogal correspondente têm de voltar a virar para baixo e joga o próximo jogador.

Ganha quem angariar mais vogais.

➔ A dificuldade do jogo pode ser aumentada se acrescentarmos mais letras do alfabeto pois este jogo tem todas as peças disponíveis e todas têm maiúsculas e minúsculas correspondentes.

Anexo 9

Imagens do Livro “Letrilândia”

Uma família muito diferente

Era uma vez um pequeno país que existiu à muitíssimos anos, quanto ainda existiam gigantes e magos, duendes e fadas, na época na que os animais e as letras falavam, chamava-se o país das letras, todos os habitantes deste estranho lugar viviam numa cidade cheia de verdes campos com flores de e pequenos rios cor azul. No país vizinho viviam os gigantes que pisavam o chão com tanta força que o país das letras tremia e os sinos das igrejas soavam: tilín!! Tolon!! Tilín!! Tolon!!

O país das letras era governado pela Rainha a e o Rei u. Os reis tinham três filhos, duas meninas: a princesa i e a princesa o, e um menino, o príncipe e, todos eles eram muito diferentes. Eles eram os responsáveis para que as letras do país estivessem unidas e fossem todas amigas.

O rei u era forte e gostava muito comer, o que mais gostava eram as Uvas. Comia-as a todas horas, para o pequeno almoço, Uvas. Para almoçar, Uvas. Para lanchar, Uvas. Para jantar... outra vez uvas. O rei u tem um animal que é muito amigo seu, sabem qual é? Um lobo, um lobinho bom ao que gosta muito cantar e como ao rei u também, juntos fazem canções: aaaaaaaaaaaaaaaaa, aaaaaaaaa, aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!

O rei u gosta muito da sua mulher, a rainha A.

A rainha a, é alta e alegre, quase sempre leva um braço dobrado onde leva uma bolsa com ananás, gosta muito de ananás. Seus filhos no seu aniversário dão-lhe ananás, a ela gosta muito de surpresas, faz: aaaaaaaa!.. À rainha gosta de fazer bolos, os que melhor lhe saem são os de avelãs e amêndoas. São deliciosos, mas quando um bolo lhe sai mal diz: aaaaa... muito triste.

Sua filha, a princesa i, quase nunca come seus docinhos, não porque não lhe agradam. E come tão pouco que é muito magrinha.

A princesa i, está quase sempre a chorar. Quando seus irmãos brincam com seus brinquedos: iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!! Diz ela muito zangada, quando seus pais a castigavam: iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!! diz muito forte e muito triste...está sempre a chorar. A única que não a faz chorar é sua mascote, sua melhor amiga, a iguana Índia, chamou-a assim porque a princesa gosta de jogar aos índios.

Ela joga sempre com seu irmão, o príncipe e. Ele é muito travesso e gosta de jogar às escondidas. Seu animal favorito é o elefante e seus pais deram-lhe um pelo seu aniversário, ele passeia com seu elefante e esta sempre a cantar: ee, eeeee, ee ,eeee, e , eeeee, e, eeeeeee....

Sua irmã mais velha, a princesa o, é muito boa e sempre o protege e preocupa-se com ele, quando percebe que seu irmão fez uma travessura diz: oh oh...muito preocupada. Adora o mar, sobretudo brincar com as ondas. Quando seus pais a levam ao mar ela diz: oooooooooohh e fica surpreendida contemplando-o. Depois corre como louca para saltar e correr sobre as ondas.

Quando aos domingos a família vai passear vestem-se com seus trajes de gala.

A rainha a se põe seu traje A.

O rei u se põe seu traje U.

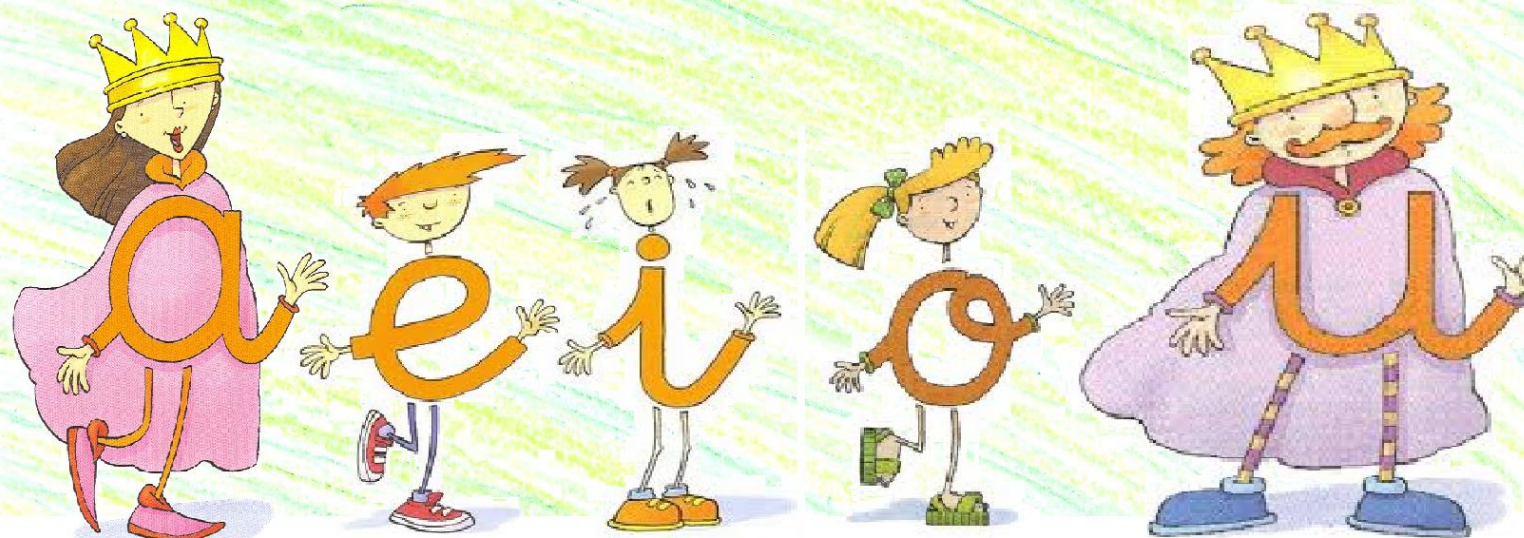
A princesa i se põe seu traje I.

A princesa o se põe seu traje O.

E o príncipe e se põe seu traje E.

A família é muito feliz no país das letras e preocupam-se com todos os habitantes daquele país

LETRILÂNDIA - UMA FAMÍLIA MUITO DIFERENTE



Autor: Desconhecido

Ilustrações: Sala 4 JI BPC



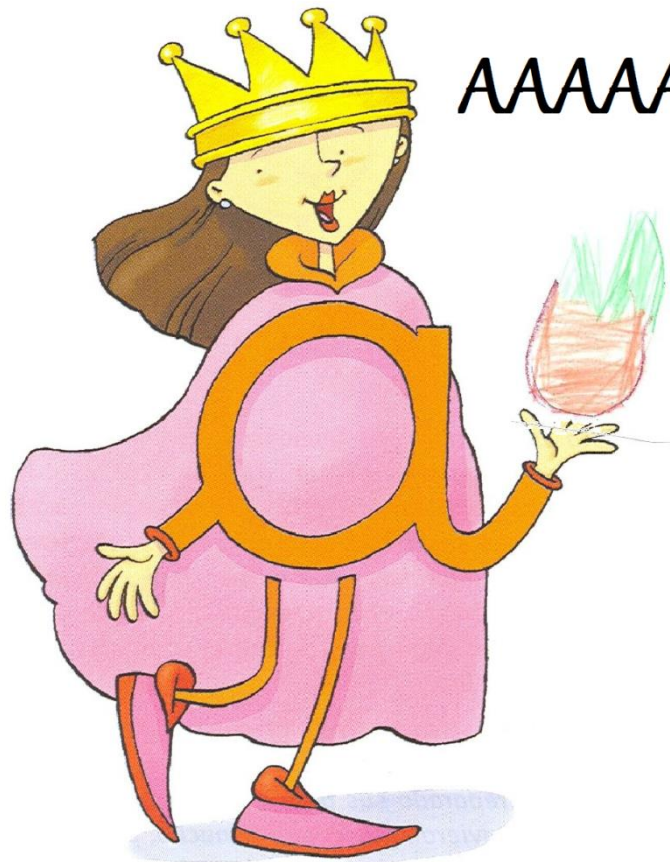






AAAAAAAAAAAA!!!





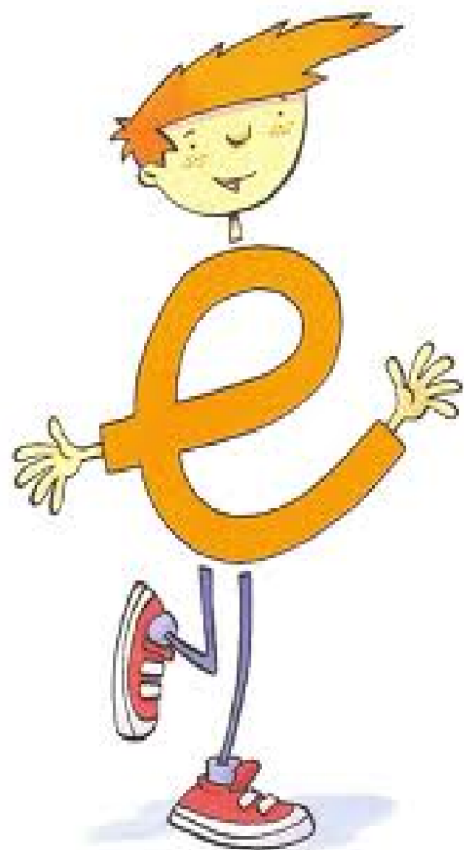
AAAAAAAAA





iiiiiiiiiiiiiiiiiiii

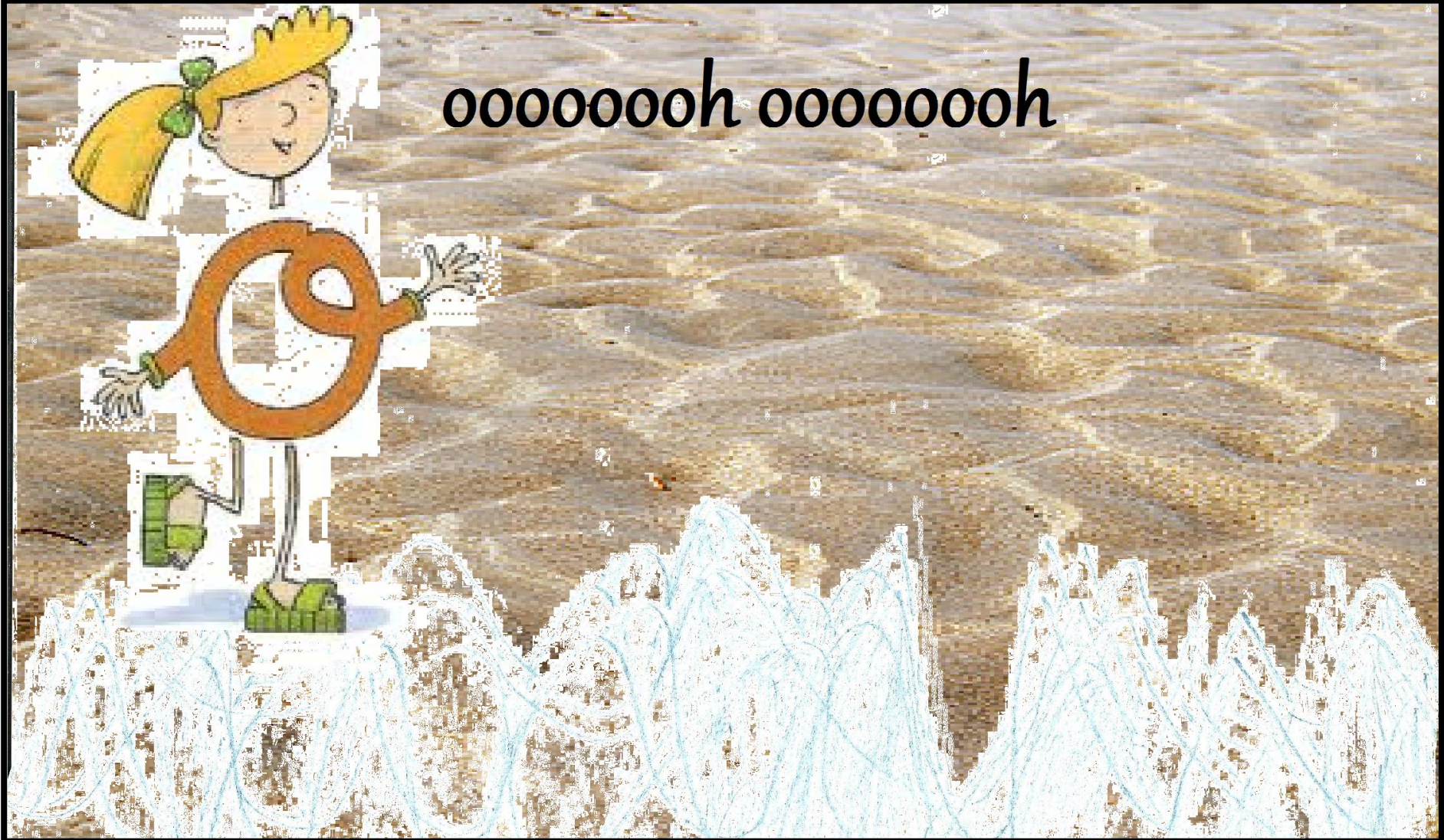




EEEEEEEEEEEEEE



oooooooooh ooooooooooh





Anexo 10

Checklist - Específica de avaliação de
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
aplicada no início do ano

Checklist - Específico Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Jardim de Infância: Bairro Padre Cruz				Faixa etária: 3 anos				Ano letivo: 2013/2014									
Compreensão da estrutura de uma história				Desenvolvimento do conceito de material escrito							Reconhecimento e orientação da mancha gráfica						
	F. capaz de escutar uma história com atenção	F. capaz de dar continuidade a uma história	F. capaz de contar uma história com princípio meio e fim	F. capaz de compreender a sequência de acontecimentos de uma história	Sabe pegar num livro e orientar a escrita acompanhada de desenhos	Orienta a escrita quando sem desenhos	Sabe folhear um livro	Sabe o que é a capa do livro	Sabe o que é a contracapa	Sabe o que são as páginas	Sabe identificar o título	Sabe identificar o nome do autor de um livro	Sabe orientar um rótulo sem desenhos	Diferencia a escrita do desenho	Sabe onde começa a escrita	Saber onde acaba a escrita	Conhece o sentido direcional da escrita
AF.	A	A	A	A	A	EA	A	A	EA	A	EA	EA	A	A	EA	EA	A
BR.	A	A	CA	A	A	EA	A	A	EA	A	A	EA	A	A	EA	EA	EA
CA	A	A	CA	A	A	GA	A	A	CA	A	A	CA	A	A	CA	CA	EA
DÉ	A	A	A	A	A	GA	A	A	CA	A	A	CA	A	A	A	CA	EA
DI	A	A	A	A	A	GA	A	A	CA	A	A	GA	A	A	A	EA	A
ER	A	A	A	A	A	GA	A	A	GA	A	EA	EA	A	A	CA	CA	EA
FR	EA	A	GA	A	A	GA	A	A	GA	A	EA	EA	A	A	A	EA	EA
IV	EA	A	GA	A	A	GA	A	A	GA	A	CA	CA	A	A	CA	EA	EA
LAM	A	A	GA	A	A	GA	A	A	GA	A	A	GA	A	A	A	EA	EA
DU	A	A	A	A	A	GA	A	A	GA	A	A	GA	A	A	A	EA	EA
DA	EA	EA	EA	A	A	GA	A	EA	GA	EA	EA	CA	EA	EA	CA	EA	CA
FL	EA	CA	CA	A	A	GA	A	EA	GA	EA	EA	CA	EA	EA	CA	EA	CA
IR	A	A	CA	A	A	GA	A	EA	GA	A	CA	CA	A	A	CA	CA	CA
LAA	EA	A	CA	A	A	GA	A	EA	GA	A	CA	CA	A	A	CA	CA	CA
LU A	A	A	CA	A	A	GA	A	EA	GA	A	CA	CA	A	A	CA	CA	CA
LU E	A	EA	CA	A	A	GA	A	EA	GA	EA	CA	CA	EA	A	EA	EA	EA
LE	A	A	CA	A	A	GA	A	A	EA	A	CA	CA	EA	A	EA	EA	EA
HE	EA	A	CA	A	A	GA	A	EA	CA	A	CA	CA	EA	A	EA	EA	EA
LA	A	A	CA	A	A	GA	A	EA	CA	EA	CA	CA	EA	A	EA	EA	EA
LU	A	EA	CA	A	A	GA	A	A	GA	EA	CA	CA	A	A	EA	EA	EA
JO	A	A	CA	A	A	GA	A	A	GA	A	CA	CA	A	A	EA	EA	EA
MA	A	A	EA	A	A	GA	A	A	CA	EA	CA	CA	A	A	EA	EA	EA
RA	A	A	EA	A	A	GA	A	A	CA	EA	EA	CA	A	A	EA	EA	EA
GO	EA	A	CA	A	A	GA	A	EA	CA	EA	EA	CA	EA	EA	EA	EA	EA

Fontes:

Colorad Basic Literacy Act. Colorado Department of Education. Denver, Colorado 80203

NA - NÃO Adquirido
EA - EM Aquisição
A - Adquirido

	Consciência fonológica e fonêmica					
	Sabe de cor rimas, poemas e cânticos	F. capaz de contar os sons de uma palavra	Identifica as palavras numa frase simples	Segue o texto lido em voz alta	Ouve e repete sons iniciais	F. capaz de construir palavras novas
AF.	EA	EA	EA	A	A	EA
BR.	EA	EA	EA	A	A	EA
CA	EA	EA	EA	A	A	EA
DÉ	EA	EA	A	A	A	EA
DI	A	EA	A	A	A	A
ÉR	EA	EA	EA	A	EA	EA
FR	EA	EA	EA	A	A	EA
IV	EA	EA	EA	A	A	EA
LAM	A	EA	A	A	A	EA
DU	A	EA	A	A	A	EA
DA	EA	EA	EA	A	EA	EA
FL	EA	EA	EA	EA	EA	EA
IR	A	EA	EA	A	A	EA
LA A	EA	EA	EA	EA	EA	EA
LU A	EA	EA	EA	A	A	EA
LU E	EA	EA	EA	A	EA	EA
LE	A	EA	EA	A	A	EA
HE	EA	EA	EA	EA	A	A
LA	A	EA	EA	A	A	EA
LU	EA	EA	EA	A	EA	EA
JO	EA	EA	EA	A	A	EA
MA	EA	EA	EA	A	A	EA
RA	EA	EA	EA	A	A	A
GO	EA	EA	EA	EA	A	EA

Anexo 10.1

Checklist - Específica de avaliação de
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
aplicada no final do ano

Checklist - Específico Linguagem Oral e Abordagem à escrita

	Jardim de Infância: Bairro Padre Cruz				Faixa etária: 3 anos										Ano letivo: 2013/2014			
	Compreensão da estrutura de uma história				Desenvolvimento do conceito de material escrito										Reconhecimento e orientação da mancha gráfica			
	É capaz de escutar uma história com atenção	É capaz de dar continuidade a uma história	É capaz de contar uma história com princípio meio e fim	É capaz de compreender a sequência de acontecimentos de uma história	Sabe pegar num livro e orientar a escrita acompanhada de desenhos	Orienta a escrita quando sem desenhos	Sabe folhear um livro	Sabe o que é a capa do livro	Sabe o que é a contracapa	Sabe o que são as páginas	Sabe identificar o título	Sabe identificar o nome do autor de um livro	Sabe orientar um rótulo sem desenhos	Diferencia a escrita do desenho	Sabe onde começa a escrita	Saber onde acaba a escrita	Conhece o sentido direcional da escrita	Esquerda-direita Cima-baixo
AF.	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
BR.	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
CA	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DÉ	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DI	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
ÉR	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
FR	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
IV	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LAM	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DU	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
DA	A	NA	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
FL	NA	NA	NA	A	A	NA	A	A	NA	A	A	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA
IR	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
LAA	A	A	NA	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
LUA	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
LU E	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A
LE	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
HE	NA	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	NA	NA
LA	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
LU	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
JO	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	NA	NA	NA
MA	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	A	NA	NA	NA	NA
RA	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	NA	NA	NA
GO	A	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	NA	A	NA	NA	NA	NA	NA

5 ANOS

4 ANOS

3 ANOS

	Atribuição de significado à escrita			Identificação da unidade palavra									Identificação da Unidade da letra				
	Atribui significado à escrita	Reconhece que a escrita contém informação	Atribui significado aos sinais de pontuação	Sabe assinalar uma palavra	Sabe assinalar duas palavras contíguas	Sabe onde começa a palavra	Sabe onde acaba a palavra	Reconhece que palavras diferentes têm diferentes significados	Reconhece que as mesmas palavras com tamanhos diferentes têm o mesmo significado	Reconhece o seu nome	Reconhece o nome dos colegas	Diferencia desenhos de letras	Sabe isolar uma letra na palavra	Diferencia letras minúsculas de letras maiúsculas	Diferencia algarismos de letras	Identifica letras do alfabeto	
AF.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
BR.	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
CA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
DÉ	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
DI	A	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
ÉR	A	A	EA	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
FR	A	A	EA	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
IV	A	A	EA	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
LA M	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
DU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	
DA	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	A	NA	NA	
FL	NA	NA	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	A	NA	NA	
IR	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	A	A	NA	A	NA	NA	
LA A	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	A	A	NA	A	NA	A	
LU A	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	A	NA	A	
LU E	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	A	NA	NA	A	
LE	A	A	A	A	NA	A	A	A	NA	A	A	A	A	A	A	A	
HE	A	A	EA	A	NA	NA	NA	A	A	A	NA	A	NA	A	NA	A	
LA	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	A	A	NA	A	NA	A	NA	A	
LU	A	A	EA	A	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	NA	NA	A	
JO	NA	NA	EA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	NA	NA	A	
MA	A	A	EA	A	NA	A	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	NA	NA	A	
RA	A	A	EA	A	NA	A	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	A	NA	A	
GO	NA	NA	EA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	A	NA	A	NA	A	NA	A	

Fontes:

Colorad Basic Literacy Act. Colorado Department of Education. Denver, Colorado 80203

NA - NÃO Adquirido
EA - EM AQUISIÇÃO
A - Adquirido

	Consciência fonológica e fonêmica					
	Sabe de cor rimas, poemas e canções	É capaz de contar os sons de uma palavra	Identifica as palavras numa frase simples	Segue o texto lido em voz alta	Ouve e repete sons iniciais	É capaz de construir palavras novas
AF.	A	A	A	A	A	A
BR.	A	A	A	A	A	A
CA	A	A	A	A	A	NA
DÉ	A	A	A	A	A	A
DÍ	A	A	A	A	A	A
ÉR	NA	NA	A	A	A	NA
FR	NA	A	A	A	A	NA
IV	A	A	A	A	A	A
LAM	A	A	A	A	A	A
DU	A	A	A	A	A	A
DA	NA	NA	NA	NA	A	NA
FL	NA	NA	NA	NA	A	NA
IR	A	NA	NA	A	A	A
LAA	A	NA	NA	NA	A	A
LUA	A	NA	NA	A	A	A
LUE	A	NA	NA	A	NA	NA
LE	A	A	A	A	A	A
HE	A	NA	A	A	A	A
LA	A	NA	NA	A	A	A
LU	A	NA	NA	A	NA	A
JO	A	NA	NA	A	A	NA
MA	A	NA	A	A	A	NA
RA	A	NA	A	A	A	A
GO	A	NA	NA	NA	A	A

Anexo 11

Imagens do Livro da Família

